

MALCO BRAGA CAMARGOS

**DO BOLSO PARA AS URNAS — A INFLUÊNCIA DA
ECONOMIA NA ESCOLHA ENTRE FERNANDO HENRIQUE
E LULA NAS ELEIÇÕES DE 1998**

**Dissertação apresentada ao
Instituto Universitário de
Pesquisas do Rio de Janeiro
como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em
Ciência Política.**

Banca Examinadora:

Marcus Figueiredo (Orientador)

Jairo Marconi Nicolau

Maria Celi Scalon

**Rio de Janeiro
1999**

Dedico este trabalho ao mestre
Olavo Brasil de Lima Jr.

AGRADECIMENTOS

Fico feliz em agradecer a cada uma das pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na execução deste trabalho.

Ao meu orientador, Marcus Figueiredo, que com o rigor e eficiência que cabem aos mestres ajudou-me a superar vários desafios;

Ao IUPERJ pela oportunidade e apoio dado nestes anos de convívio. A eficiência na casa é impressionante. Não posso deixar de agradecer a Valéria, Lia, Simone, Ana Caillaux e Solange;

À CAPES por ter dado apoio financeiro que sem o qual seria impossível a mudança para o Rio de Janeiro;

Ao apoio dos professores Jairo Nicolau e Maria Celi (IUPERJ) e Bruno Reis e José Francisco Soares (UFMG);

Aos colegas da Fonte Pesquisa & Análise pela seção dos dados e pela confiança na construção destes no momento anterior às eleições de 1998;

Aos amigos Fabrícia, Luís Ademir, Christiane Jalles e Ximena com quem mantive uma ótima convivência intelectual e pessoal;

Merecem um agradecimento especial os amigos Leandro e Marcelo Simas pela colaboração direta na execução do trabalho;

À minha irmã Isadora pela revisão do português;

Aos meus pais Maurício e Suzana que me deram apoio nas horas mais difíceis;

À Juliana junto de quem espero passar por vários outros desafios.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	<i>1</i>
<i>Capítulo 1 - De olho no passado ou no futuro?</i>	<i>3</i>
1.1 - O eleitor e o voto	4
1.2 - O voto retrospectivo	7
1.3 - Retrospecção e prospecção	10
<i>Capítulo 2 - Estudo de caso: o voto em Fernando Henrique e em Lula</i>	<i>17</i>
2.1 - As eleições de 1994 – abordagens econômicas	17
2.2 - As eleições de 1998	22
<i>Capítulo 3 – O modelo</i>	<i>36</i>
3.1 - Definição	36
3.2 - Resultados	43
<i>Conclusão</i>	<i>52</i>
<i>Anexo</i>	<i>55</i>
<i>Bibliografia</i>	<i>67</i>

ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 - Evolução das intenções de voto e de aprovação do Plano Real	20
Gráfico 2 - Evolução do voto estimulado	23
Gráfico 3 - Situação financeira da casa	25
Gráfico 4 - Retrospectiva financeira pessoal	26
Gráfico 5 - Jeito que o governo conduz a economia (casa)	26
Gráfico 6 - Avaliação do momento atual	27
Gráfico 7 - Situação econômica do país atualmente	28
Gráfico 8 - Jeito que o governo conduz a economia (país)	28
Gráfico 9 - Poder de compra no futuro	29
Gráfico 10 - Perspectiva financeira pessoal	29
Gráfico 11 - Garantia da estabilidade FHC	30
Gráfico 12 - Garantia da estabilidade Lula	30
Gráfico 13 - Desempenho na área social – FHC	31
Gráfico 14 - Desempenho na área social – Lula	31
Gráfico 15 - Perspectiva do país como um todo	32
Gráfico 16 - Desemprego no futuro	32
Gráfico 17 - Inflação no futuro	33
Gráfico 18 - Expectativa de sucesso na economia	33
Gráfico 19 - Perspectiva financeira das empresas	34
Gráfico 20 - Avaliação do governo FHC	40
Gráfico 21 - Preferência Partidária	39
Tabela 1 - Resultado Eleições para Presidente da República de 1998	24
Tabela 2 - Coeficientes da regressão logística em cada rodada do survey - Variável dependente: Vota Fernando Henrique Cardoso	44
Tabela 3 - Coeficientes da regressão logística em cada rodada do survey - Variável dependente: Vota Luis Inácio Lula da Silva	47

INTRODUÇÃO

Há quase 50 anos são encontradas análises sobre comportamento eleitoral na literatura brasileira e internacional, porém, ainda hoje não se observa um consenso. São três as perspectivas analíticas predominantemente utilizadas pelos estudiosos da política para analisar este fato.

A primeira perspectiva, baseada no paradigma histórico-estrutural, interpreta o comportamento eleitoral como sendo constrangido por variáveis externas ao próprio processo eleitoral, ou seja, o comportamento eleitoral é determinado pelo contexto social no qual vivem os eleitores. Neste tipo de análise, o comportamento político é função de determinadas clivagens sociais, que se expressam através de partidos com os quais os eleitores se identificam (Lipset e Rokkan 1967; Soares 1961).

A segunda perspectiva analítica, chamada de corrente psicológica por uns e de modelo de Michigan por outros, não nega a influência de fatores histórico-estruturais na conformação do comportamento eleitoral, porém os considera insuficientes. Além desses fatores, os formuladores do modelo de Michigan atentam para a necessidade de se considerar atitudes tais como motivações e percepções, que levariam os indivíduos à escolha partidária e ao comportamento político. De acordo com essa perspectiva, indivíduos semelhantes do ponto de vista social e de atitudes tendem a ter comportamento político semelhante (Campbell *et alii* 1964).

A terceira perspectiva, baseada no individualismo metodológico, é chamada de escolha racional. De acordo com os autores desta linha, os indivíduos são racionais e agem intencionalmente, procurando, antes de tudo, maximizar ou otimizar seus ganhos. O exercício do voto tem uma função eminentemente instrumental e

estratégica. As pessoas votam se considerarem que este ato vai lhes trazer algum benefício, ou seja, se os ganhos caso o partido A ou B vença a eleição forem superiores aos custos de comparecer às urnas, levando em consideração o gasto de tempo e energia e busca por informação (Downs, 1957; Figueiredo 1991).

Centraremos o trabalho na terceira perspectiva, principalmente no que se refere à relação entre a economia e o voto. O objetivo é expor e discutir alguns dos principais temas que associam a percepção do eleitor em relação à economia e à direção do seu voto. Para isso, discutiremos as principais teorias do voto econômico no capítulo 1, demonstrando os avanços teóricos e empíricos evidenciados nos estudos.

Iniciaremos o capítulo 2 fazendo uma análise de estudos que indicam a relação entre a economia, em especial o impacto do Plano Real¹, e o voto nas eleições de 1994. Posteriormente, seguindo o passo dos estudos feitos sobre as eleições 1994, discutiremos a eleição de 1998, descrevendo a evolução da intenção de voto entre junho e setembro e comparando com a evolução da percepção do eleitor sobre a economia neste mesmo período. Por fim, demonstraremos a insuficiência deste tipo de análise descritiva.

No capítulo 3, proporemos um modelo que incorpore mais de uma variável de avaliação da economia (prospectiva e retrospectiva), além da avaliação de desempenho do presidente e da identificação partidária do eleitor. Buscaremos mostrar que o impacto das variáveis sobre o voto nos dois principais candidatos, Fernando Henrique e Lula, é diferente.

Finalmente, na conclusão, destacaremos as principais implicações metodológicas e substantivas dos achados empíricos.

¹ Plano Real - Plano de estabilização econômica lançado no País em julho de 1994, quando Fernando Henrique Cardoso era Ministro da Fazenda e Itamar Franco o presidente da República.

CAPÍTULO 1 - DE OLHO NO PASSADO OU NO FUTURO?

Há décadas persiste um debate sobre a influência da avaliação que o eleitor faz da economia na direção do seu voto, sobretudo entre os cientistas políticos norte-americanos. São duas as principais teorias que tratam sobre a relação entre economia e voto. Na primeira, os cidadãos votam retrospectivamente, de acordo com a sua percepção do desempenho do atual governante na economia. O eleitor decide, como um juiz, se ele deve ou não continuar no governo. Sendo a avaliação positiva, vota no governante; sendo negativa, vota na oposição (Key 1966; Kramer 1971; Fiorina 1981 e Guseh 1996).

A segunda teoria considera que os eleitores votam prospectivamente. Para os defensores dessa teoria, os eleitores têm certa expectativa sobre as ações que determinado partido, uma vez no poder, deverá tomar. Se considerarem que essas ações serão positivas, o eleitor vota neste partido; caso imaginem que serão prejudiciais aos seus interesses, vota em outro (Lockerbie 1991; Lanue 1994).

Essas são as premissas do voto retrospectivo e prospectivo. Porém, como demonstraremos a seguir, o quadro cognitivo do eleitor é bem mais complexo. Os dois tipos de voto não são mutuamente excludentes, um eleitor pode agir retrospectivamente e prospectivamente ao mesmo tempo. Além do mais, existem outros fatores, como preferência partidária e variáveis de *background*, que influenciam na tomada de decisões do eleitor. Veremos, a seguir, as principais conclusões dos expoentes das duas correntes e os avanços teóricos obtidos ao longo do tempo.

1.1 - O eleitor e o voto

Precursor da teoria racional do voto e, conseqüentemente, das teorias sobre o voto econômico, Antony Downs, em sua obra *An Economic Theory of Democracy* (1957), foi o primeiro a destacar o comportamento instrumental do eleitor.

Segundo Downs, os eleitores são racionais e auto-interessados, ou seja, eles podem sempre tomar decisões quando se deparam com um espectro de alternativas. Eles podem hierarquizar preferências, sendo essa hierarquização transitiva. Além do que, entre as alternativas disponíveis, escolhem a que têm maior preferência. E, finalmente, sob as mesmas condições, tomam sempre as mesmas decisões. Nesse sentido, partidos e eleitores escolhem o melhor meio para atingir determinado fim que, no caso dos partidos, é vencer as eleições e, conseqüentemente, derrotar seus adversários. Uma vez no governo, esse ator tem como objetivo maximizar seu apoio político. Já o objetivo do eleitor é dar poder àquele partido que, a seu ver, lhe proporcionará maiores ganhos.

Os atores, para Downs, além de serem racionais e egoístas, buscam minimizar os efeitos das condições de incertezas inerentes à vida política. Buscando maximizar seus ganhos, os eleitores têm que tomar duas decisões. A primeira é se vale a pena ou não despender esforços para ir às urnas e, em caso positivo, têm que decidir em qual direção devem votar. Para tomar essas decisões, o eleitor considera o benefício que espera obter caso seu candidato ganhe e, também, a probabilidade que seu voto afete o resultado das eleições.

Um dos pontos centrais dessa teoria é a assimetria entre o custo elevado e o impacto reduzido da contribuição individual para a produção do bem coletivo.

Quando o número de eleitores é grande, a chance de contribuição individual de um eleitor (um voto) ter impacto sobre o resultado das eleições é ínfima. O voto de cada eleitor vale, no cômputo geral, $1/(\text{número total de eleitores})$, ou seja, um valor ínfimo ou praticamente nulo no resultado geral. Desta forma, o custo de obtenção de informação, e também o gasto de tempo e energia para ir votar é maior do que o impacto do voto de um eleitor no resultado das eleições. É mais lógico, então, para um indivíduo racional e egoísta, não participar do processo eleitoral, ou seja, não ir às urnas.

Esse teoria gerou várias discussões, apesar da assimetria entre o custo e o impacto de um voto. Vários eleitores racionais que, de acordo com a lógica de Downs, não deveriam comparecer às urnas, votam constantemente, dando origem ao chamado *paradoxo da participação*. Downs explica esse paradoxo de duas maneiras. Na primeira, alguns eleitores, principalmente aqueles com preferências partidárias fortes, podem esperar grandes benefícios caso seu candidato vença as eleições. Se essa expectativa de benefícios for maior do que o custo do ato de votar, é racional que o eleitor compareça às urnas. Outro comportamento racional, que justifica a participação, acontece entre aqueles cidadãos que consideram a perpetuação do sistema melhor do que o risco da troca por um outro. Temendo que poucas pessoas votem e, com isso, acabe a legitimidade do sistema, vários eleitores preferem assumir um custo a curto prazo (o custo de comparecer às urnas) em prol de um benefício a longo prazo (a perpetuação do sistema).

A segunda decisão do eleitor se refere à direção do voto: se é melhor votar no candidato da situação ou em algum outro da oposição. Com relação a este tema, a identificação partidária ou ideológica tem um papel central na teoria downsiana. O eleitor compara os benefícios recebidos do partido no poder com os que espera

receber caso outro ganhe. O eleitor espera receber mais benefícios se o partido do qual mais se aproxima ideologicamente ganhar as eleições. Porém, essa forma de definir a direção do voto do eleitor exige um envolvimento e um conhecimento político que o torne capaz de conhecer as propostas dos partidos e/ou candidatos, avaliar as chances de vitórias de cada partido e avaliar os ganhos futuros caso um ou outro candidato vença. Mas, na realidade, estudos sobre o comportamento eleitoral têm demonstrado que a maioria do eleitorado possui características diferentes. Vejamos alguns.

Um marco neste tipo de estudo foram os *surveys* realizados por Berelson, Lazarsfeld e McPhee² na década de 50. Buscando analisar empiricamente as contribuições dos teóricos da ciência política, os autores mostraram que características atribuídas ao eleitorado pelos teóricos não eram reais. Ou seja, os eleitores não satisfazem os requisitos clássicos necessários à participação consciente, racionalmente orientada. Segundo Berelson *et alii*, os filósofos clássicos estavam corretos ao taxar as virtudes dos cidadãos, mas eles demandavam essas virtudes de forma extrema ou doutrinária. Os eleitores têm princípios, informação, racionalidade, e interesses, mas não têm isso em extremo, de forma elaborada, compreensível ou detalhada de maneira uniforme, tal como recomendado pelos filósofos clássicos e por Downs.

Anterior a Berelson *et alii*, Joseph Shumpeter³ também discutiu a capacidade de o eleitor agir racionalmente em uma eleição. Em sua democracia processual, o poder de decidir sobre todas as questões é investido em certos indivíduos como consequência de sua dedicação bem sucedida à obtenção do voto popular. O papel do

² BERELSON, Bernard R., LAZARSELD, Paul F. e MCPHEE, William N. (1954), *Voting: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign*. The University of Chicago Press.

³ SCHUMPETER, Joseph A. (1961), *Capitalismo, Socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.

povo seria apenas o de escolher seus representantes em períodos eleitorais, substituindo um governo por outro e se protegendo, assim, da tirania. Schumpeter identifica o cidadão típico como sendo uma pessoa que desce para um nível inferior quando entra no campo político. O seu pensamento assume o caráter puramente associativo e afetivo, ficando sujeito a ceder a impulsos irracionais ou extraracionais. Ademais, devido à apatia pela política, o cidadão pode se submeter à influência de processos obscuros, que as condições de sua vida privada ajudam a reprimir.

1.2 - O voto retrospectivo

O primeiro a lidar diretamente com o voto retrospectivo foi V. O. Key Jr.⁴, na obra *The Responsive Electorate*. A partir dos achados de Downs, Berelson, Lazarsfeld, McPhee e Schumpeter, Key mostrou que, mesmo desinformados e pouco preocupados com política, os eleitores “não são tolos”. Key suavizou a idéia de racionalidade, colocando esta como função do contexto, ou seja, o eleitor não precisaria estar correto em suas percepções, ele votaria de acordo com seu grau de informação e de conhecimento sobre determinados partidos. Através de dados de *surveys* realizados entre 1940 e 1960, Key comparou as posições que os eleitores têm em relação a diversas questões, como, por exemplo, avaliações sobre a economia, sobre as ações de governos passados e sobre as habilidades de cada um dos candidatos a presidente neste período, com suas intenções de voto e com o seu voto na eleição anterior. Concluiu que “muitos eleitores individuais agem de forma casual,

⁴ KEY Jr. V. O (1966), *The Responsible Electorate: Rationality in Presidential Voting (1936-1960)*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

acidental; mas a grande maioria do eleitorado age tão racional e responsabilmente como se pode esperar (...) Em campanhas presidenciais norte-americanas de décadas recentes, o retrato do eleitorado que desenvolve dos dados (...) é de um eleitorado movido por preocupação sobre questões centrais e pertinentes de política pública, de desempenho governamental e de personalidade executiva” (Key, 1966, pp. 7-8).

Além de defender as idéias de Downs sobre a racionalidade do eleitor, Key foi um dos fundadores de uma teoria sobre a direção do voto, que ainda hoje é debatida por estudiosos, chamada *recompensa-punição*. Essa teoria baseia-se na premissa de que cada indivíduo age em resposta ao que percebe e experimenta em relação à economia. De acordo com o autor, o eleitor age como se fosse um juiz: se a economia vai bem, os governantes ganham mais votos, se vai mal, a oposição é a favorecida. Ou seja, o eleitor vota retrospectivamente. Este tipo de análise pressupõe que os eleitores estão mais preocupados com os resultados do que com os meios de atingir esses resultados, dispensando a formação de uma consciência política no eleitorado.

O que basicamente diferencia as visões de Downs e Key, no que se refere ao voto retrospectivo, é que, assim como faz com o conceito de racionalidade, Key suavizou o conceito de voto retrospectivo. Para Downs, o voto retrospectivo estava intrinsecamente ligado ao voto prospectivo, ou seja, o eleitor downsiano, a partir das plataformas do candidato da situação, imagina o futuro à luz das ações do governante no passado. Já para Key, o eleitor votaria orientado apenas por ações passadas dos governantes. Como consequência dessa distinção, pode-se separar as duas teorias entre maximizante e satisfacionista. Na visão downsiana, o eleitor busca maximizar seu futuro avaliando as alternativas e escolhendo aquela que produz o melhor resultado. Para Key e para os economicistas em geral, o eleitor escolhe, dentre as

alternativas disponíveis, aquela que garanta minimamente a satisfação de seus interesses (Figueiredo, 1991).

Gerald Kramer⁵ deu valiosa contribuição à tradição economicista quando, através de testes estatísticos, estimou o impacto das condições econômicas – índice de situação, se o presidente é republicano; renda per capita; preços, índice de custo de vida do consumidor; salário real, salário deflacionado pelo índice de custo de vida; e desemprego - nas eleições congressuais norte-americanas entre 1896-1964. A principal contribuição de seu estudo foi a utilização de um modelo estatístico que, através de análise multivariada, mediu o impacto de cada uma das variáveis independentes quando analisadas simultaneamente.

Kramer partiu da premissa, desenvolvida por Key, de que a regra de decisão dos eleitores baseia-se na informação disponível sobre o desempenho passado do candidato situacionista. “Se o desempenho do partido no governo for ‘satisfatório’ de acordo com algum padrão simples, os eleitores votam para mantê-lo no governo permitindo que continuem a implementar suas políticas; se o desempenho for considerado ‘não-satisfatório’ os eleitores votam contra o partido situacionista, dando uma chance à oposição” (Kramer, 1971, p. 134).

A partir da aplicação de seu modelo, Kramer verificou que, quando analisadas simultaneamente, as variáveis com maior impacto na decisão do voto dos eleitores para o Congresso eram renda per capita, índice de custo de vida e salário real. A variável desemprego não apresentou efeito significativo.

Kramer concluiu que o resultado eleitoral é, em parte, substancial, função de mudanças ocorridas sob a administração do partido de situação. Para ele, o resultado eleitoral não é irracional, aleatório, produto de fidelidade partidária e hábitos, ou

⁵ KRAMER, G. H. (1971), “Short-Term Fluctuations in U.S. Voting Behavior”. *APSR*. Vol. LXV, nº 1, março.

retórica de campanha e marketing. Seus resultados corroboravam os de Key, com dados bastante diferentes. Segundo Kramer, o principal componente na explicação do resultado eleitoral eram as flutuações econômicas. Melhorias na economia favoreceriam os candidatos do partido governante e o declínio econômico beneficiaria a oposição. Dessa forma, o melhor preditor do sucesso eleitoral do partido governante seria a mudança na renda per capita real no ano das eleições.

1.3 - Retrospecção e prospecção

Uma crítica à teoria retrospectiva do voto, tal como adotada por Downs, Key e Kramer, foi feita por Morris Fiorina⁶. A partir da análise de *surveys* sobre eleições presidenciais e congressuais norte-americanas entre 1952 e 1976, Fiorina considerou que o modelo de recompensa-punição era inadequado para explicar o comportamento eleitoral, pois não dava ênfase a fatores como identificação partidária e expectativa futura em relação a determinados *issues*. As análises que consideram o eleitor eminentemente retrospectivo, como faz Key, ou aquelas que afirmam que o eleitor interpreta o futuro à luz do passado, como faz Downs, imputam a todos os eleitores, independente do seu nível de escolaridade, interesse político ou informação, um mesmo tipo de raciocínio: se o eleitor avalia o desempenho do governante positivamente, este tem mais chances de receber seu voto; caso avalie negativamente, crescem as chances da oposição.

A partir da aplicação de modelos que buscavam mensurar as variáveis que têm impacto sobre as avaliações que o eleitor faz da economia, Fiorina verificou que a percepção do eleitor sobre situação econômica é função de sua identificação

⁶ FIORINA, Morris (1981), *Retrospective Voting in American National Elections*. New Haven, Yale University Press.

partidária prévia, de sua avaliação retrospectiva (experimentada e/ou percebida) e de variáveis demográficas relevantes.

Por fim, criou um modelo que relacionava a avaliação sobre economia prospectiva e retrospectiva com o voto do eleitor. De acordo com Fiorina, o voto é função da expectativa em relação ao futuro, da avaliação retrospectiva e da preferência partidária. Seus dados mostraram que a expectativa em relação ao futuro tem um impacto direto sobre o voto. Avaliações retrospectivas, por sua vez, teriam impacto direto na formação das expectativas em relação ao futuro, *a la* Downs, e sobre a formação da preferência partidária e, conseqüentemente, influência indireta sobre o voto.

Roderick Kiewiet⁷, assim como os demais autores analisados, atribuiu papel central à economia na decisão da direção do voto do eleitor norte-americano, apesar de não descartar fatores não econômicos, tais como questões morais e culturais, posições sobre políticas internacionais e características pessoais dos candidatos. Porém, com base em dados de *surveys* amostrais e do tipo painel, onde as mesmas pessoas eram entrevistadas a cada rodada, realizados entre os anos de 1956 e 1980, mostrou que o mecanismo de tomada de decisões não era tão simples como sugeriram Downs, Key, Kramer e Fiorina.

Segundo Kiewiet, existem evidências de que a avaliação do eleitor sobre assuntos econômicos se dá através de duas dimensões básicas: a primeira divide os eleitores entre aqueles que votam retrospectivamente e aqueles que votam prospectivamente; a segunda diz respeito ao peso que os eleitores atribuem a diferentes tipos de fatos econômicos e experiências pessoais. Ambas as dimensões possuem evidências empíricas persuasivas, porém, ainda não foram analisadas em

⁷ KIEWIET, Roderick D. (1983). *Macroeconomics & Micropolitics*. Chicago, The University of Chicago Press.

conjunto, já que nenhum dos estudos anteriores consideraram mais de uma dessas dimensões ao mesmo tempo. É a partir desta lacuna na teoria econômica do voto que Kiewiet construiu um modelo que combinava estas duas dimensões e esclarecia as hipóteses competitivas: se o eleitor vota prospectivamente ou retrospectivamente, e se é orientando por sentimentos pessoais ou por impressões em relação ao país – comportamento sociotrópico.

Para isso, desenvolveu dois modelos. O primeiro, para ser usado em dados tipo painel, leva em consideração o voto do entrevistado na eleição anterior, além de medidas sobre inflação, desemprego, problemas econômicos em geral, sejam no nível pessoal ou nacional. O segundo modelo, para ser aplicado nos anos em que não estavam disponíveis dados de painel, é similar ao primeiro. Porém, como não havia dados sobre o voto do entrevistado na eleição anterior, Kiewiet substituiu esta informação pela preferência partidária do entrevistado.

A partir da aplicação desses dois modelos, Kiewiet verificou que:

- ✓ na maioria das eleições presidenciais, eleitores que acreditavam que a situação financeira de sua família melhorou durante o ano anterior tinham maior probabilidade de apoiar o presidente governante que aqueles eleitores que acreditavam que a situação financeira de sua família piorou. Para as eleições congressuais, esta hipótese tinha menos apoio;
- ✓ eleitores que avaliavam positivamente o desempenho econômico do partido governante tendiam a apoiá-lo no período eleitoral; já os que avaliavam negativamente, tendiam a votar na oposição. Assim, como no nível pessoal, a influência da avaliação econômica nacional na decisão do voto era bem mais forte nas eleições presidenciais do que nas congressuais;

- ✓ eleitores que citaram o desemprego como problema econômico mais importante, davam maior apoio a candidatos democratas, e eleitores que citavam a inflação como problema econômico mais grave davam maior apoio a candidatos republicanos⁸;
- ✓ da mesma forma, eleitores oriundos de famílias em que o chefe esteve desempregado no último ano deram maior apoio a candidatos democratas em todas as eleições analisadas.

Os modelos de Kiewiet mostraram que tanto a experiência pessoal como a avaliação da economia nacional agem sobre a decisão de voto retrospectiva e também prospectiva. A combinação dessas dimensões dão origem a quatro tipos de avaliações que são feitas pelos eleitores:

1) os eleitores votam retrospectivamente, ou seja, votam no governante ou em seu candidato, dependendo de sua avaliação sobre o desempenho da economia durante a gestão do atual governo, tendo como base sua experiência pessoal – **retrospectivo pessoal**. Os eleitores que acreditam que a situação financeira de sua família melhorou no ano anterior, têm maior probabilidade de votar no presidente ou em seu candidato do que aqueles que acreditam que sua situação piorou;

2) os eleitores votam retrospectivamente, tendo como base a avaliação que fazem da situação econômica nacional - **retrospectivo sociotrópico**. Os eleitores que perceberam que a situação da economia nacional melhorou tendem a apoiar o candidato que está no poder; já os que acham que a economia nacional piorou, tendem a votar na oposição;

⁸ Mais recentemente James Guseh (1996) refinou a hipótese de Kiewiet sobre o voto retrospectivo politicamente orientado. Para isso utilizou dados macroeconômicos (taxa desemprego, taxa de inflação e crescimento da renda real per capita) como variáveis independente e como dependente o voto no partido governante entre os anos de 1932 a 1992. Guseh conclui que os efeitos macroeconômicos sobre o voto diferem significativamente entre os partidos que estão no governo. Em tempos de desemprego diminuem os votos no partido Republicano, enquanto tempos de inflação

3) os eleitores votam prospectivamente, ou seja, escolhem seus candidatos com base nas diferenças relativas às prioridades macroeconômicas de cada partido. No caso dos EUA, eleitores mais preocupados com o desemprego tendem a votar em candidatos democratas; enquanto os que têm maior aversão à inflação tendem a votar nos republicanos, tomando como base sua experiência pessoal. Os eleitores residentes em casas onde o chefe de família ficou desempregado dão maior apoio aos democratas – **prospectivo pessoal**.

4) os eleitores votam prospectivamente tendo como base a avaliação que fazem da situação econômica nacional - **prospectivo sociotrópico**. Este tipo de voto ocorre entre os eleitores que acreditam que a inflação ou desemprego são o principal problema do país. Os que acham que é o desemprego, tendem a votar nos democratas, enquanto os que acham que é a inflação, tendem a votar nos republicanos.

Kiewiet mostrou a existência desses quatro tipos de comportamentos, porém não verificou qual tem maior impacto sobre o voto. Questão que David Lanoue⁹ buscou responder.

Com a utilização de *surveys* realizados pelo *National Election Studies* nas eleições de 1984 e 1988, nos Estados Unidos, Lanue propôs a utilização de um modelo que apreendia sobre o poder relativo do cálculo prospectivo e retrospectivo do eleitor. Utilizou como variável dependente o voto nos partidos Republicano e Democrata nas eleições presidenciais, para o Senado e para a Câmara. Como variáveis independentes utilizou:

diminuem os votos no partido Democrata. Crescimento da renda aumenta os votos de ambos os partidos, mas o efeito é muito maior para os Republicanos.

⁹ LANOUE, David, J. (1994), "Retrospective and Prospective Voting in Presidential Year Elections" *Political Research Quarterly*. Vol. 47. Mar.

Variáveis de avaliação econômica	Variáveis políticas e controle de opinião	Variáveis demográficas
Retrospectiva pessoal Retrospectiva sociotrópico Prospectiva pessoal Prospectiva sociotrópico	Identificação partidária Ideologia Avaliação da posição dos EUA no mundo	Raça Sexo Membro sindicato Região Religião

A partir da realização de análise de *Probit*, Lanue concluiu que avaliações econômicas têm efeito sobre o voto, porém, este efeito é menor do que aquele atribuído à identificação partidária. Além disso, confirmando achados anteriores de Kiewiet, o impacto das avaliações econômicas é maior nas eleições para presidente do que nas eleições congressuais. De acordo com Lanue, no que se refere às avaliações econômicas, quando verificado o efeito relativo de cada uma das variáveis independentes, seus dados não revelaram diferenças significativas entre o comportamento sociotrópico ou pessoal. Apenas nas eleições de 1998 as avaliações sociotrópicas tiveram impacto ligeiramente superior às avaliações pessoais. Porém, com relação à preponderância de avaliações retrospectivas ou prospectivas, Lanue concluiu que avaliações retrospectivas têm maior impacto sobre o voto do que avaliações prospectivas nos dois pleitos analisados. Dentre as variáveis demográficas e políticas, aquelas que tiveram efeito significativo nas duas eleições foram ideologia, posição dos Estados Unidos no mundo e região.

Uma vez percorrido o caminho do aprimoramento da literatura sobre o voto econômico, buscaremos, nos próximos capítulos, verificar as diferenças no impacto das avaliações econômicas sobre o voto em Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva, nas eleições de 1998.

Além de verificar o padrão de voto em um ou outro candidato, faremos uma comparação desse padrão ao longo dos meses de campanha. Iniciaremos nossa

análise no mês de junho e encerraremos no final de setembro, uma semana antes das eleições. Acreditamos que entre o voto em Fernando Henrique, candidato à reeleição, o voto retrospectivo tem mais força do que o prospectivo, uma vez que informações sobre a administração do atual candidato estavam na agenda do dia. Por outro lado, esperamos achar um padrão de voto mais prospectivo do que retrospectivo no dado a Luís Inácio Lula da Silva, candidato da oposição. Já que o eleitor não tem informações sobre o desempenho do candidato no executivo, resta apenas imaginar o que Lula e seu partido – PT (Partido dos Trabalhadores) – fariam caso vencessem as eleições.

CAPÍTULO 2 - ESTUDO DE CASO: O VOTO EM FERNANDO HENRIQUE E EM LULA

Antes de iniciarmos a análise do voto econômico nas eleições de 1998, retomaremos o que tem sido dito sobre o tema no Brasil.

Apesar de ser um dos assuntos mais relevantes da ciência política, ainda sabemos muito pouco sobre o comportamento do eleitor brasileiro. Vários estudiosos têm se debruçado sobre essa tarefa, porém, há muita controvérsia entre esses estudos, principalmente no que diz respeito a quais fatores devem ser incluídos nas análises sobre o voto.

Nosso objetivo na próxima seção é mostrar as controvérsias e as coincidências existentes entre estudos que analisam a influência da avaliação da economia no comportamento eleitoral dos brasileiros nas eleições presidenciais de 1994.

2.1 - As eleições de 1994 – abordagens econômicas

São poucos os estudos que abordam o comportamento eleitoral do brasileiro, sendo a maioria deles descritivos, referindo-se a eleições específicas, e, às vezes, até a locais específicos. Analisar esse tipo de estudo individualmente pouco ajuda no entendimento de como se comporta o eleitor brasileiro. Esses estudos analisados de forma comparativa, porém, podem nos dar indicadores de como compreender de maneira ampla o comportamento eleitoral no Brasil.

Fabian Echegaray¹⁰ fez uma análise das eleições presidenciais ocorridas na América Latina entre 1982 e 1994 a partir de dados macroeconômicos (crescimento do PIB e PIB per capita no ano anterior ao da eleição) e dados de opinião pública (aprovação do desempenho do presidente e identificação partidária) para 30 eleições presidenciais provenientes de 15 países latino-americanos.

Analisando os determinantes do comportamento coletivo do eleitorado e, em particular, as conexões entre as atuações econômicas dos governos e os resultados eleitorais, o autor contrastou duas hipóteses básicas sobre as forças que influenciam os resultados eleitorais:

1. “Voto Econômico”: dada a dramática experiência das crises econômicas e mudanças radicais nas políticas e estilos de vida sofridos pelos latino-americanos durante os anos 80 e 90, o desempenho econômico dos governos tem se convertido no eixo substantivo, através do qual as administrações são julgadas e os políticos do governo são premiados ou castigados. De acordo com esta posição, os resultados das eleições são um reflexo direto das habilidades administrativas dos partidos governistas, outorgando um papel periférico às forças não econômicas;
2. em contraposição, existe a perspectiva de que, apesar da má ou boa atuação do governo, questões não-econômicas têm um papel crítico na determinação da direção do apoio eleitoral, como produtos de filiações políticas pelos partidos, laços psicológicos com seus líderes e candidatos e das percepções retrospectiva e prospectiva a partir das quais as pessoas organizam suas decisões sobre a seleção de um novo governo. Além disso, a escassa influência da economia sobre o voto derivaria também da priorização de outros temas por parte da população, tais

¹⁰ECHEGARAY, Fabian. (1995), “Voto Econômico ou Referendum Político? Os Determinantes das Eleições Presidenciais na América Latina, 1982-94”. *Revista Opinião Pública*, vol. 3, nº 2,

como a estabilização da democracia e/ou a garantia da paz e ordem social onde as guerras civis, a delinquência ou a corrupção emergem como os principais problemas.

Através de testes associativos, o autor concluiu que a avaliação do desempenho do presidente, mais do que qualquer experiência econômica específica, é o que emerge como o melhor preditor do quão bem o candidato da situação se sairá na eleição. Nas eleições presidenciais ocorridas na América Latina entre 1982 e 1994, a popularidade presidencial exerceu um impacto maior e estatisticamente significativo em comparação com as variáveis econômicas examinadas. Echegary, porém, não apresentou a avaliação que o eleitor faz da economia, pois comparou os votos da situação com indicadores oficiais. Isto abre uma lacuna em seu trabalho, pois pode haver uma forte correlação entre avaliação do presidente e avaliação da situação econômica própria ou do país.

Contrariando os achados de Echegary, existem dois trabalhos que destacam a importância de variáveis econômicas na determinação do voto do eleitor. Enquanto Echegary utilizou dados macroeconômicos para chegar à conclusão de que a avaliação do presidente é mais importante do que a avaliação que o eleitor faz da economia, Antonio Mendes e Gustavo Venturi¹¹ e Raquel Meneguello¹², a partir de dados de *surveys*, verificaram que a implementação da segunda etapa do Plano Real, com a troca da moeda e a queda da inflação, foi fundamental para a eleição de Fernando Henrique Cardoso. Ambos, a partir de dados do **Instituto DataFolha**

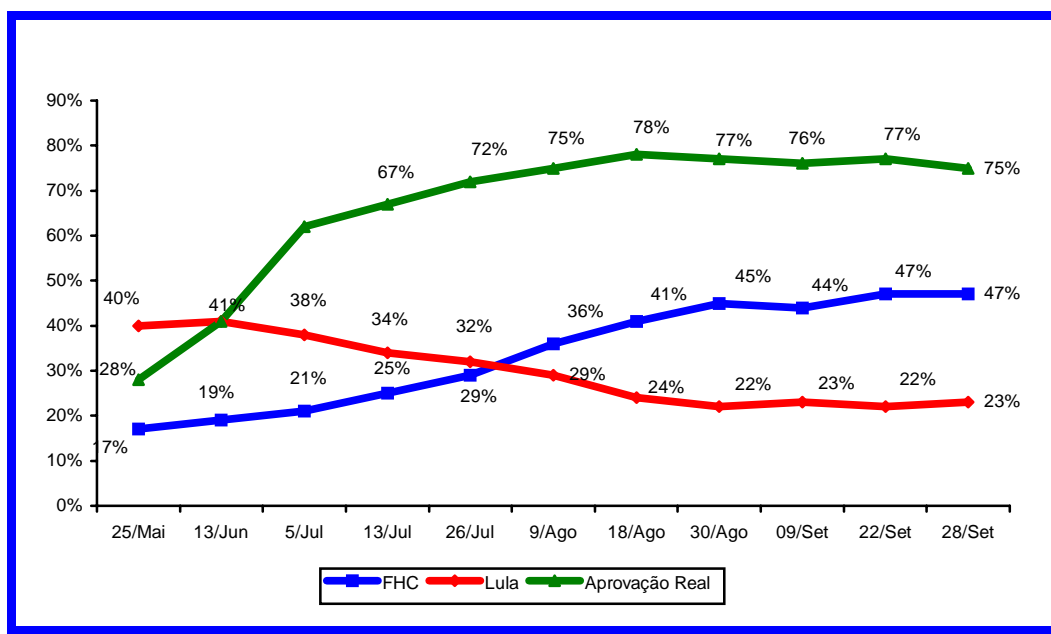
CESOP/Unicamp, Agosto.

¹¹ MENDES, Antônio M. T. e VENTURI, Gustavo. (1994), "Eleição Presidencial: O Plano Real na Sucessão de Itamar Franco". *Revista Opinião Pública*, ano 2, vol. 2, nº 2, CESOP/Unicamp, dezembro.

¹² MENEGUELLO, Raquel (1995), "Electoral Behavior in Brazil: The 1994 Presidential Elections". *International Social Science Journal*, nº 146, dez.

fizeram a análise das curvas de intenção de voto e compararam com a curva de aprovação do Plano Real.

Gráfico 1
Evolução das intenções de voto e de aprovação do Plano Real



Fonte: Antônio M. T. Mendes. e Gustavo Venturi. (1994), op. cit. p. 40.

Antônio Mendes e Gustavo Venturi verificaram, em seu trabalho, a velocidade e a dimensão do impacto do Real nos diferentes segmentos de eleitorado. Seus dados demonstraram que os eleitores marginalizados demoraram a identificar Fernando Henrique Cardoso com o Plano ou a serem convencidos das virtudes do Real e, por causa disto, demoraram mais tempo para aderir à campanha de Fernando Henrique Cardoso do que aqueles eleitores menos marginalizados.

Já Meneguello, preocupada em fazer uma análise mais ampla das eleições, destacou a superioridade do voto econômico sobre outras correntes explicativas do voto. Meneguello destacou que o voto retrospectivo, a partir da avaliação do Plano Real tanto a nível pessoal quanto a nível nacional, foi crucial para o resultado das eleições. O fato de Fernando Henrique Cardoso ser Ministro da Fazenda à época de

implementação do Plano reforçou a visão de que a única saída para manutenção das condições econômicas seria a sua eleição. Essa visão polarizou as eleições de 1994 entre o candidato do governo e os candidatos da oposição. De outro lado, a autora realizou análises da composição sócio-econômica dos votos de Fernando Henrique e de Lula. Elas revelaram um padrão bastante homogêneo entre eleitores de ambos os candidatos, enfraquecendo, assim, análises que explicavam os votos através de fatores externos ao próprio processo eleitoral, tais como o contexto social, conforme a teoria sociológica (Lipset e Rokkan 1967; Soares 1961). Além disso, verificou a baixa identificação partidária entre os eleitores e as diferenças significativas entre o número de simpatizantes de um determinado partido e sua força nas urnas. Com isso, tirou o poder de explicações que enfatizavam a preferência partidária como determinante da escolha eleitoral.

Os três trabalhos apresentados nesta seção chegaram a conclusões diferentes sobre o comportamento do eleitor brasileiro. Mendes e Venturi e Meneguello ressaltaram a importância da economia na decisão do voto, destacando o papel do Plano Real na sucessão de Itamar Franco, em 1994. De outro lado, Echegary destacou que a popularidade do presidente era mais importante do que qualquer experiência econômica específica na determinação do comportamento do eleitorado.

A fim de contribuir para este debate é que nos propomos a analisar o comportamento eleitoral brasileiro em 1998. Com base nos estudos anteriores e na literatura internacional, traçaremos o padrão de comportamento do eleitor brasileiro, analisando as várias hipóteses sobre o voto econômico e também a importância da

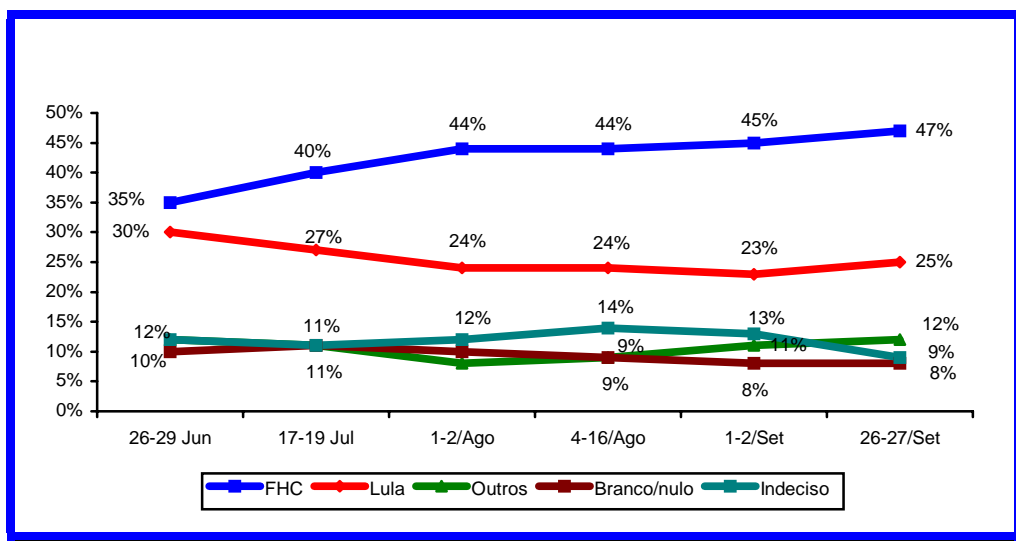
popularidade do presidente e da preferência partidária nos padrões de voto em Fernando Henrique Cardoso e em Lula nas eleições de 1998.

Utilizaremos, para isto, dados de seis *surveys* nacionais realizados pela **Fonte Pesquisa & Análise** entre junho e setembro de 1998. A amostra em cada *survey* foi de 2.500 entrevistas (margem de erro 4%, em intervalo de confiança de 95%), estratificada por quotas proporcionais às características sócio-econômicas da população – região, zona residencial, sexo, idade, escolaridade e renda familiar. Para a estratificação, foram utilizados dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios/1996-IBGE. A pesquisa foi realizada em 183 municípios distribuídos em todos os estados da Federação.

2.2 - As eleições de 1998

Vejamos agora como se comportaram os eleitores ao longo dos meses analisados.

Gráfico 2
Evolução do voto estimulado



Fazendo uma análise longitudinal da intenção de voto estimulada, verifica-se que Fernando Henrique obteve um crescimento contínuo ao longo dos meses analisados. De outro lado, Lula e os demais candidatos da oposição obtiveram um percentual de votos praticamente constante. A diferença entre os dois principais candidatos, Fernando Henrique e Lula, era de 5 pontos percentuais em junho (dias 26-29), data da primeira rodada da pesquisa. Na segunda rodada (17-19/Julho), essa diferença sobe para 13 pontos. E, a partir da terceira rodada (31 setembro a 02 agosto), até a última (26-27/Setembro), a diferença ficou estável, em torno de 20 pontos percentuais pró Fernando Henrique Cardoso.

O número de indecisos, assim como o de eleitores que disseram votar branco ou nulo, foi praticamente o mesmo durante os meses analisados, variando em torno de 10%.

A proporção de votos válidos é próxima do resultado final divulgado pelo Tribunal Superior Eleitoral - TSE (ver tabela 1). Fernando Henrique Cardoso obteve 53,06% dos votos válidos, vencendo o pleito no primeiro turno. Lula obteve 31,71% e os outros candidatos, 15,22%, totalizando 46,93%. Os números são bastante próximos daqueles indicados pela pesquisa. A maior diferença se dá entre os eleitores que disseram votar branco ou nulo. De acordo com o TSE, 10,67% dos eleitores anularam seu voto nesta eleição e 8,03% votaram em branco. Uma hipótese para explicar a diferença entre os dados dos *surveys* e o resultado final, cerca de 9 pontos percentuais, é a possibilidade de o eleitor errar o voto, anulando sua escolha sem saber.

Tabela 1 - Resultado Final das Eleições para Presidente da República de 1998

Candidatos	Votos apurados (N)	Votos apurados (%)	Votos válidos (%)
Fernando Henrique Cardoso	35.936.540	43,1	53,06
Luiz Inácio Lula da Silva	21.475.218	25,8	31,71
Ciro Gomes	7.426.190	8,9	10,97
Outros	2.884.527	3,5	4,27
Nulos	8.886.895	10,7	-
Branco	6.688.403	8,0	-
Total	83.297.773	100%	100%

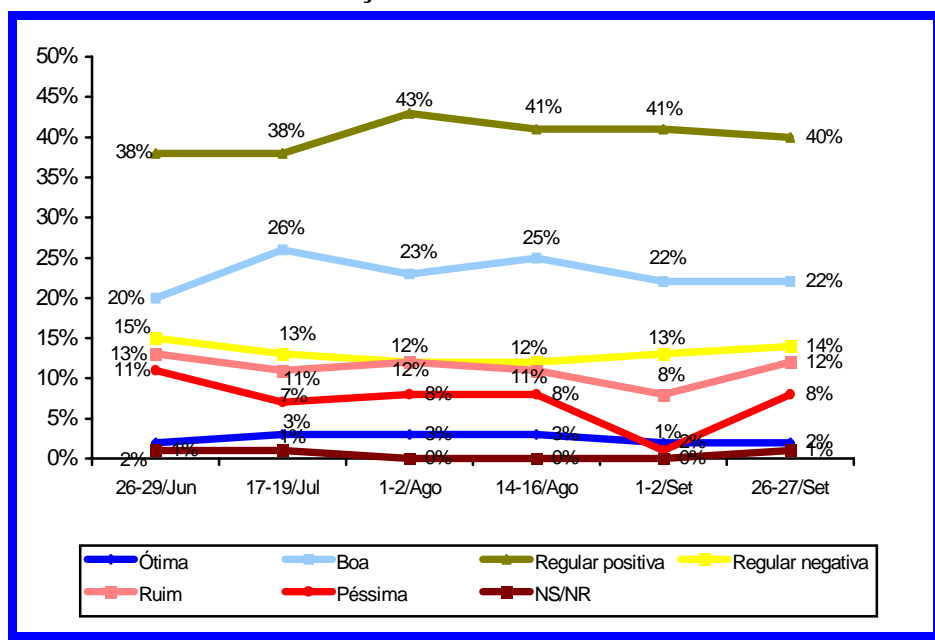
Faremos agora a mesma análise longitudinal das perguntas que pretendem captar a percepção do eleitor sobre a situação econômica. Esperamos encontrar resultados parecidos com os achados de Teixeira e Venturi e Meneguello nos quais, longitudinalmente, o comportamento das curvas de voto tem formato semelhante ao comportamento das curvas de avaliação econômica. Porém, iremos, desde já, separar as questões que captam a percepção do eleitor sobre a economia em quatro tipos possíveis, tal como em Kiewiet – avaliações retrospectivas pessoais, avaliações

retrospectivas sociotrópicas, avaliações prospectivas pessoais, avaliações prospectivas sociotrópicas.

Avaliações retrospectivas pessoais

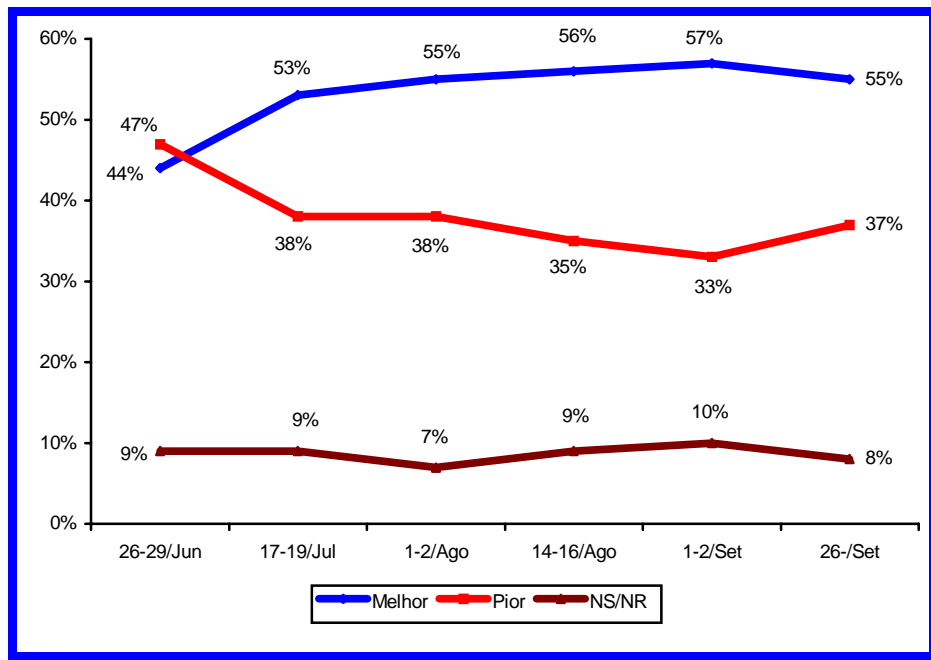
Gráfico 3

Situação financeira da casa



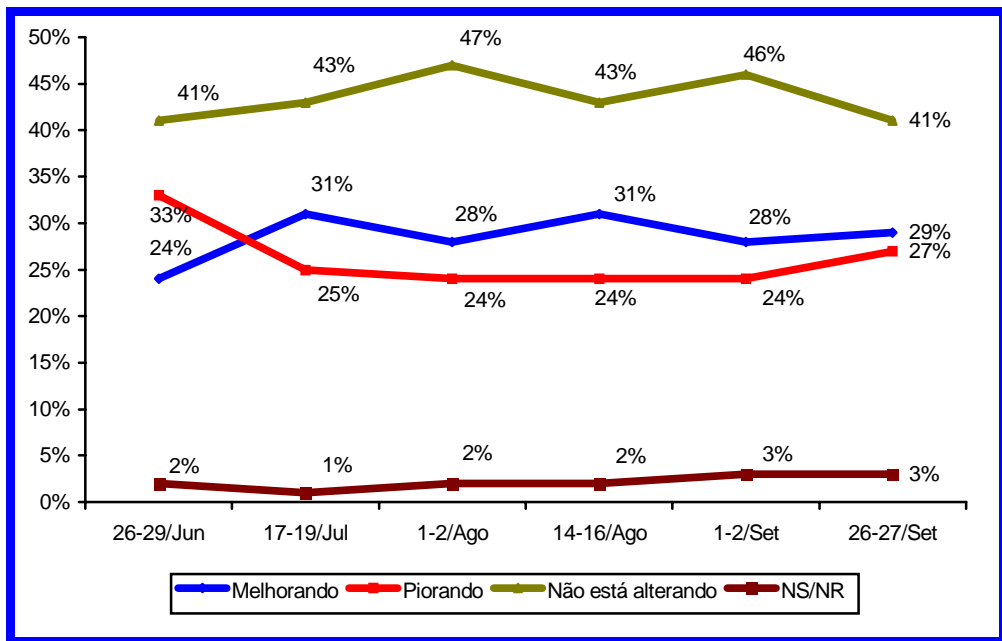
Pergunta - E como você avalia a situação financeira na sua casa – ótima, boa, regular, ruim ou péssima? (SE REGULAR) Mais para positivo ou mais para negativo?

Gráfico 4
Retrospectiva financeira pessoal



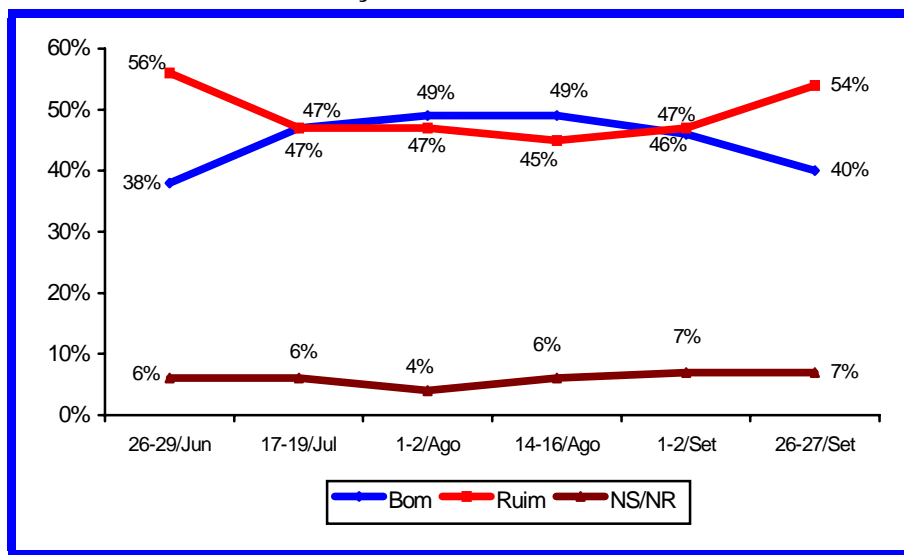
Pergunta - Você diria que na sua casa vocês estão numa situação financeira melhor ou pior do que estavam há um ano atrás?

Gráfico 5
Jeito que o governo conduz a economia (casa)



Pergunta - E você acha que o jeito que o governo está conduzindo a economia hoje em dia está melhorando, piorando, ou não está alterando a situação financeira da sua casa?

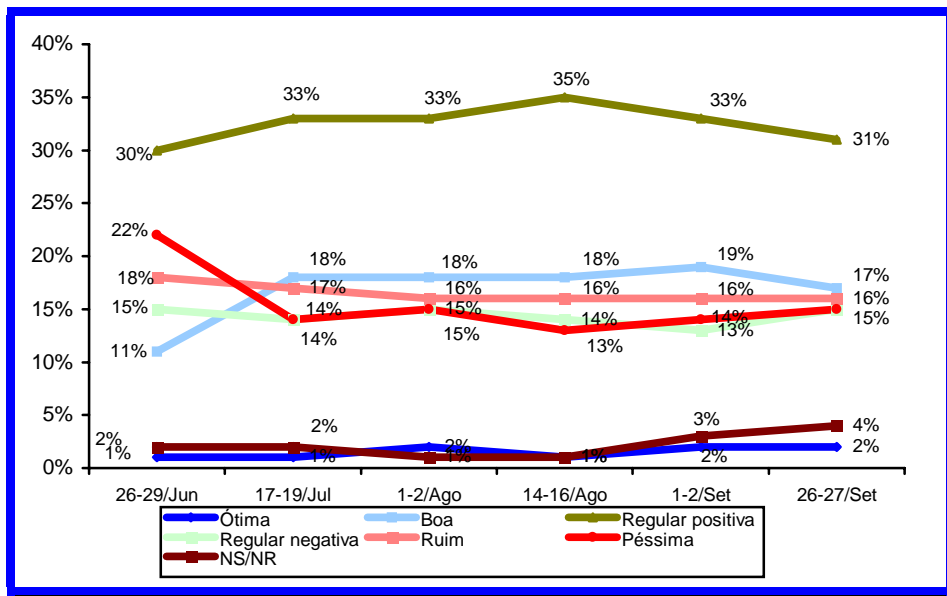
Gráfico 6
Avaliação do momento atual



Pergunta – Sobre coisas de valor que as pessoas compram para suas casas – como móveis, geladeira, fogão, televisão e outras coisas do tipo. De uma forma geral, você acha que o momento atual é bom ou ruim para fazer este tipo de compra?

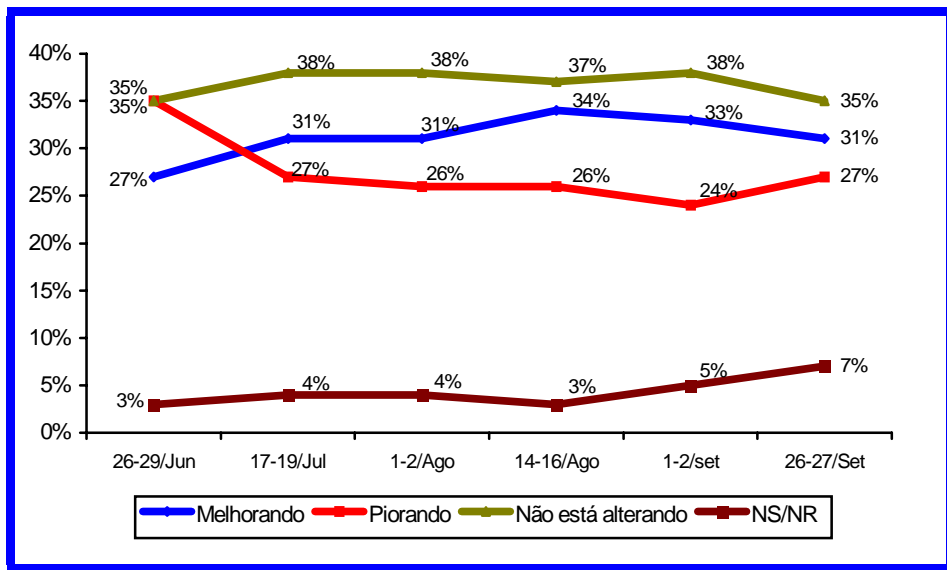
Avaliações retrospectivas sociotrópicas

Gráfico 7
Situação econômica do país atualmente



Pergunta - Vamos mudar de assunto e falar um pouco de Brasil agora. Como você avalia a situação econômica do país atualmente – ótima, boa, regular, ruim ou péssima? (SE REGULAR) Mais para positivo ou mais para negativo?

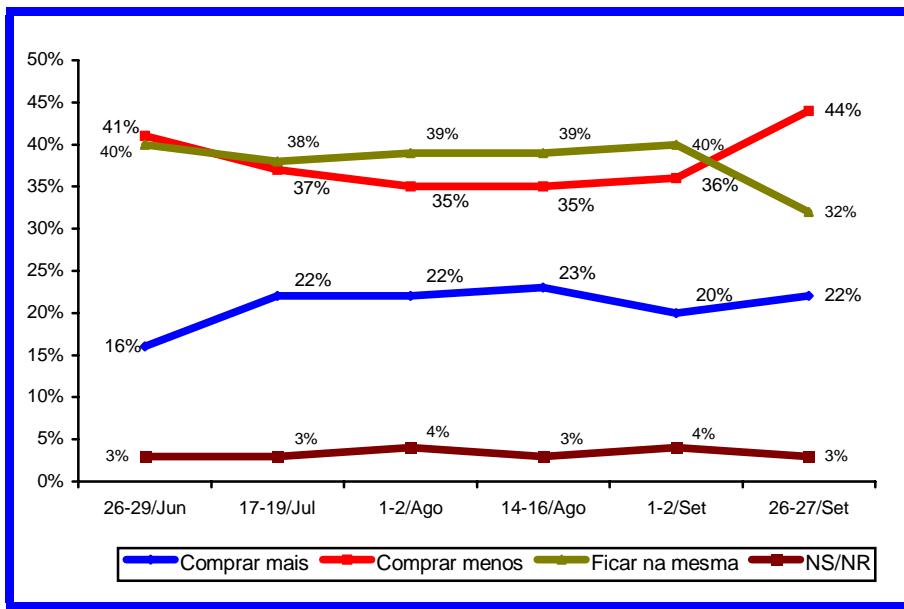
Gráfico 8
Jeito que o governo conduz a economia (país)



Pergunta - Na sua opinião, o jeito que o governo está conduzindo a economia hoje em dia está melhorando, piorando ou não está alterando a situação econômica do país?

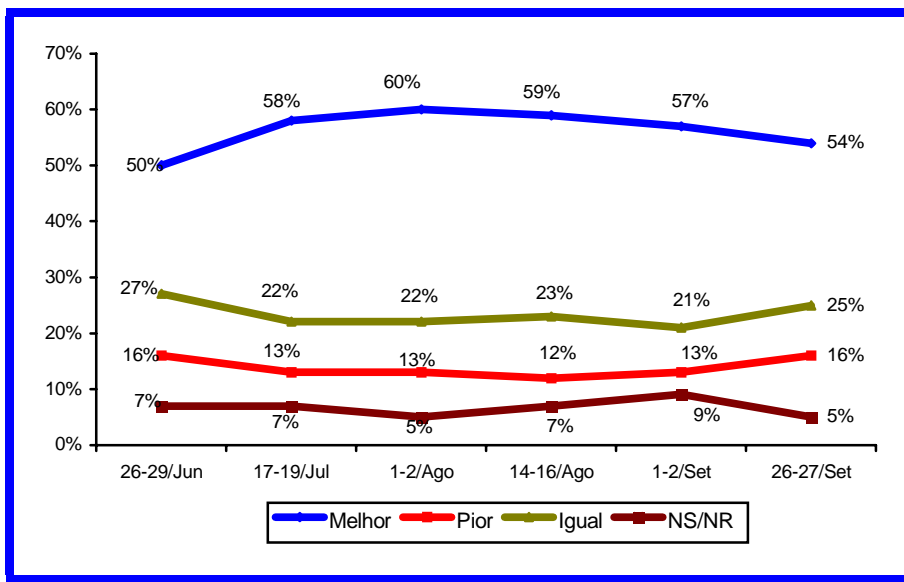
Avaliações prospectivas pessoais

Gráfico 9
Poder de compra no futuro



Pergunta - Você acha que daqui para frente você vai poder comprar mais, vai ter que comprar menos, ou vai ficar na mesma?

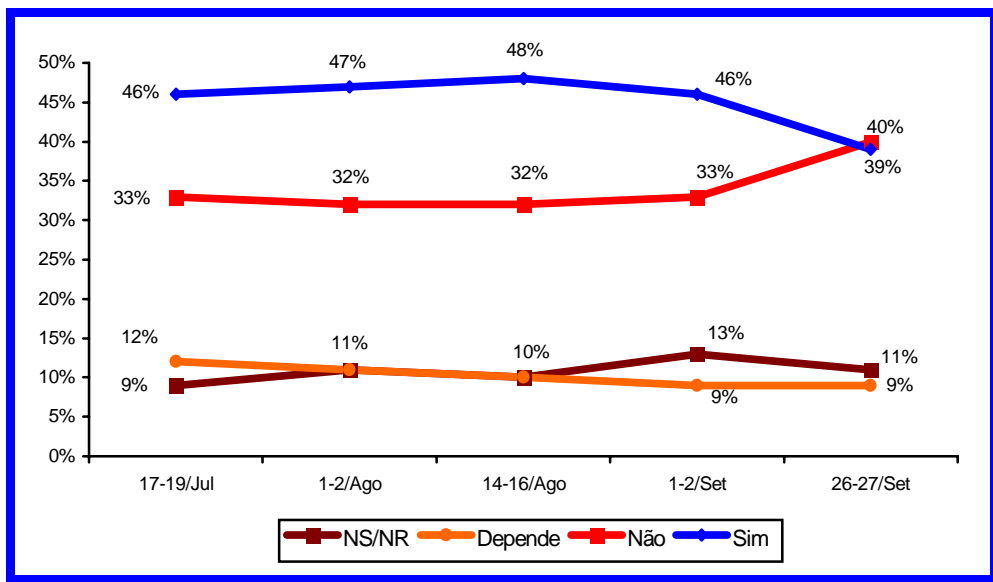
Gráfico 10
Perspectiva financeira pessoal



Pergunta - E você acha que daqui a um ano vocês estarão numa situação financeira melhor, pior ou igual a de hoje?

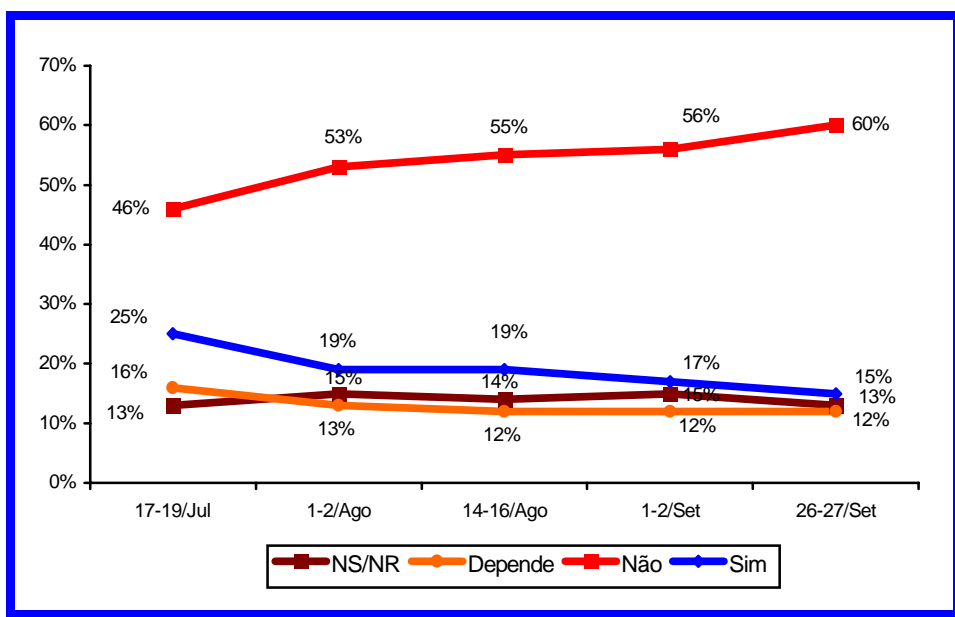
Avaliações prospectivas sociotrópicas

Gráfico 11
Garantia da estabilidade FHC



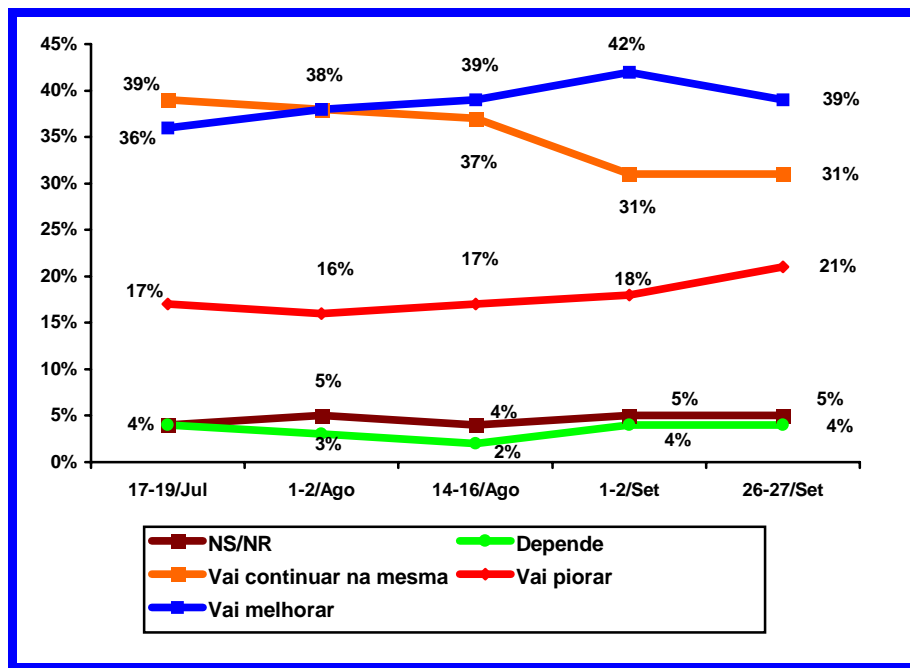
Pergunta - Se Fernando Henrique ganhar as próximas eleições para presidente, você acha que a estabilidade econômica está garantida ou não?

Gráfico 12
Garantia da estabilidade Lula



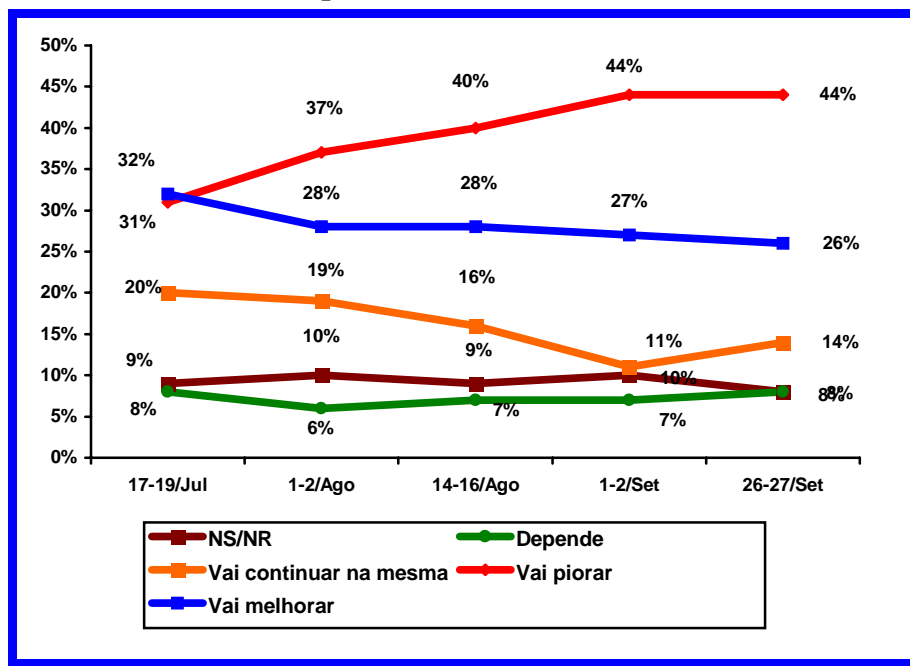
Pergunta - E se Lula ganhar?

Gráfico 13
Desempenho na área social – FHC



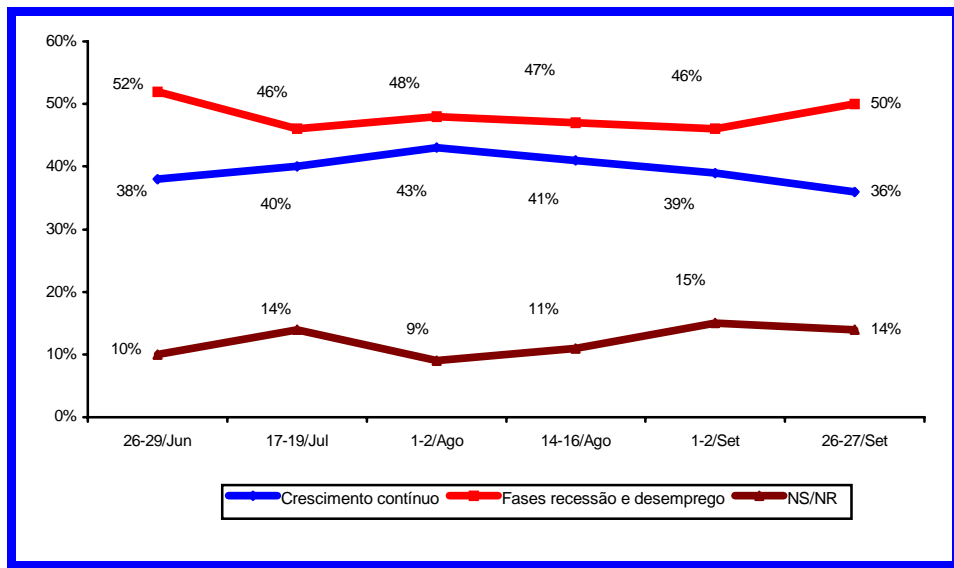
Pergunta - Se Fernando Henrique ganhar as próximas eleições, você acha que a área social em geral – englobando a saúde, a educação e Segurança por exemplo – vai melhorar, vai piorar ou vai continuar na mesma?

Gráfico 14
Desempenho na área social – Lula



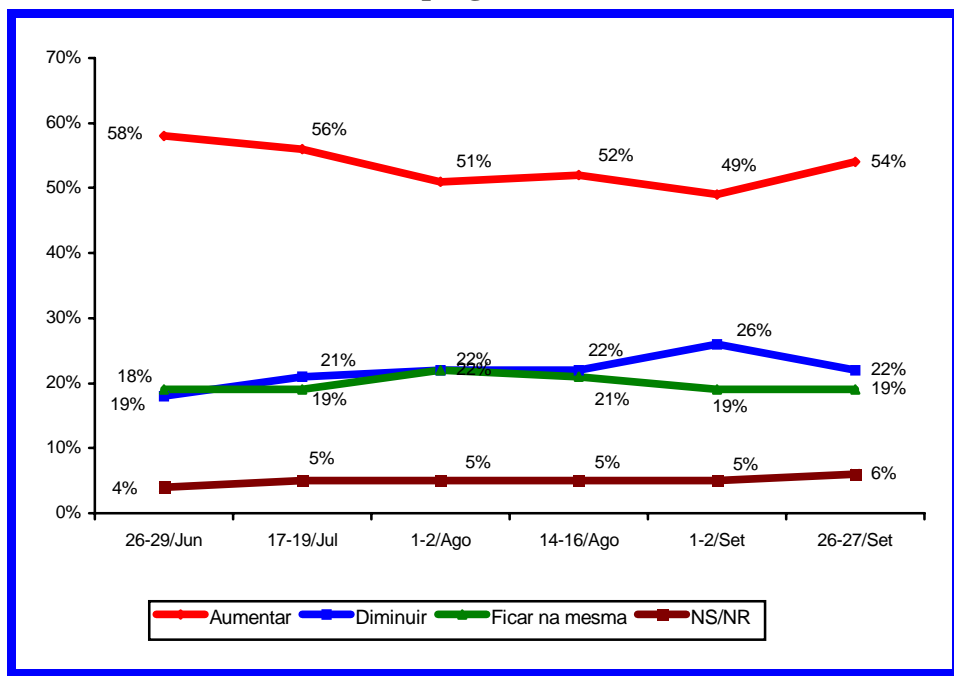
Pergunta - E se Lula ganhar?

Gráfico 15
Perspectiva do país como um todo



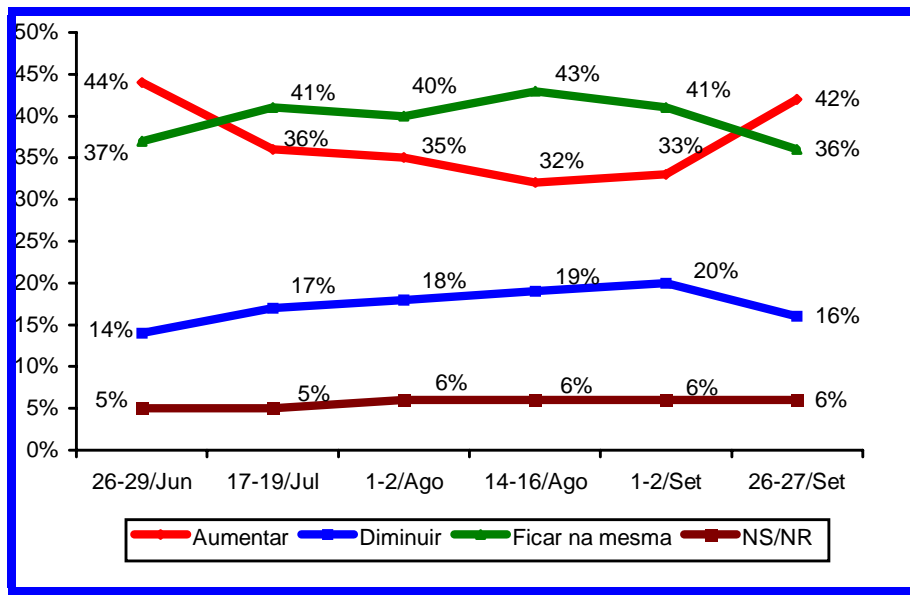
Pergunta - Ainda pensando no país como um todo, você acha que nos próximos cinco anos nós teremos um período de crescimento contínuo, ou teremos fases de recessão e desemprego?

Gráfico 16
Desemprego no futuro



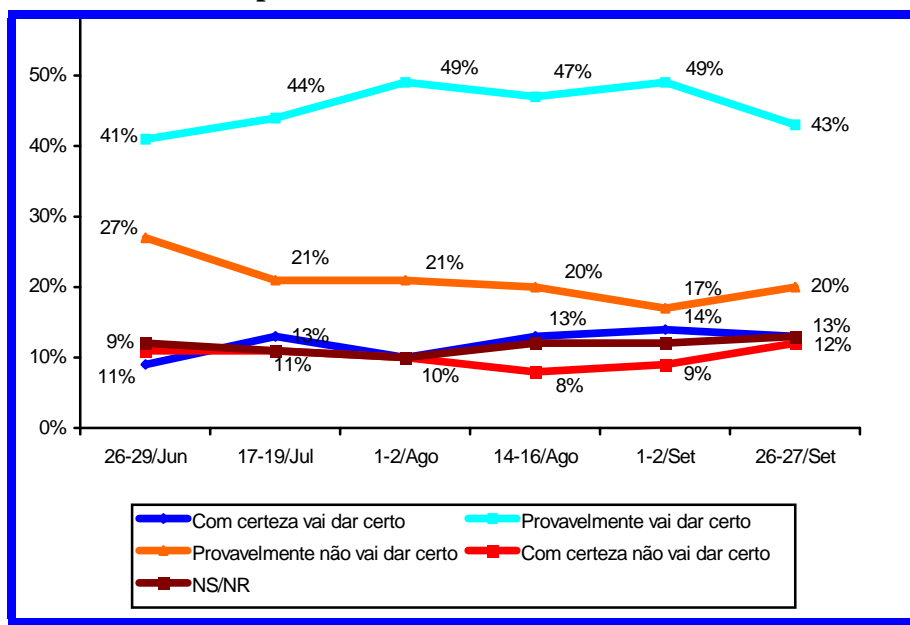
Pergunta - E o número de trabalhadores desempregados, você acha que vai aumentar, diminuir, ou ficar na mesma?

Gráfico 17
Inflação no futuro



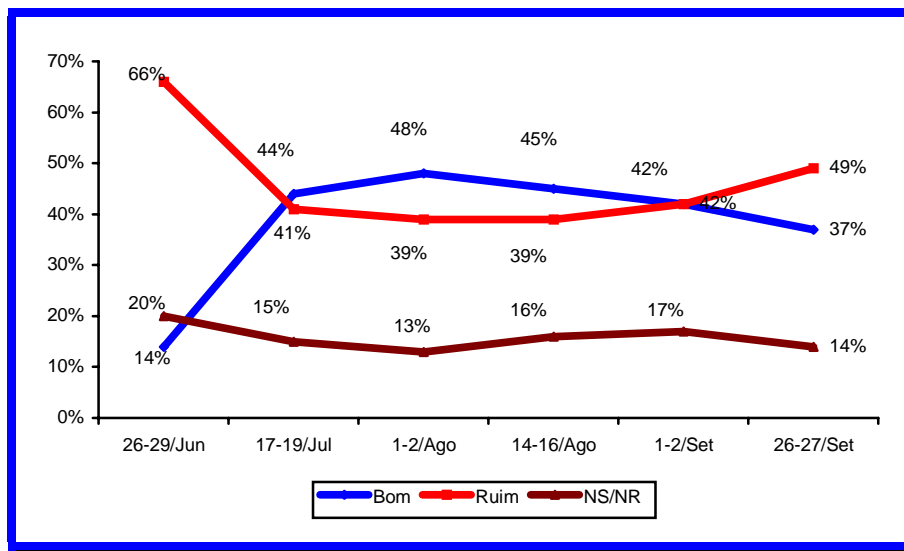
Pergunta - E a inflação, você acha que vai aumentar, diminuir, ou ficar na mesma?

Gráfico 18
Expectativa de sucesso da economia



Pergunta - Do jeito que o governo está conduzindo a economia hoje em dia você acha que ela com certeza vai dar certo; Provavelmente vai dar certo; provavelmente vai dar errado ou com certeza vai dar errado?

Gráfico 19
Perspectiva financeira das empresas



Pergunta - Você acha que financeiramente os próximos doze meses serão um período bom ou ruim para as empresas e negócios no país como um todo?

Analisando os gráficos das perguntas que medem a visão prospectiva do eleitor, tanto pessoal quanto sociotrópica, verificamos que aqueles que têm uma visão otimista sobre o futuro da economia do país mudam sua avaliação após a penúltima rodada (1 e 2 de setembro). A partir desta data, a pesquisa registra uma queda desse otimismo, em que os eleitores passam a prever um futuro um pouco mais sombrio para o país. À mesma época, também ocorreu o aumento do pessimismo daqueles que já não acreditavam na habilidade do governo em conduzir a economia do país.

A análise das curvas das perguntas que visavam captar a visão retrospectiva do eleitor mostra que este tipo de avaliação é bastante parecida com a prospectiva. A avaliação positiva do governo vai aumentando até a quarta rodada (14-16/Agosto), quando a maioria das curvas atinge seu ápice e muda de direção.

Contudo, a queda no otimismo e na avaliação retrospectiva a partir da quarta rodada não afetou a resultado das urnas – Fernando Henrique cresceu até o último momento. Isso pode ser explicado por dois fatores: o primeiro é o tempo, uma vez que estávamos a um mês das eleições; e o segundo é a incapacidade dos candidatos de oposição de captarem para si os benefícios dessa mudança na percepção do eleitor.

CAPÍTULO 3 – O MODELO

Este tipo de análise desenvolvida nas duas últimas seções, na qual se comparam as curvas de avaliação do eleitor com sua intenção de voto, é descritiva. Interessante para tomar conhecimento do terreno em que estamos andando, porém, pouco consistente. Buscando complementar as análises realizadas até agora no Brasil, propomos a utilização de um modelo que explique o voto em Fernando Henrique e em Lula levando-se em consideração, ao mesmo tempo, a avaliação prospectiva e retrospectiva no nível pessoal e sociotrópico, a identificação partidária e a avaliação do governo Fernando Henrique.

3.1 - Definição

De acordo com nossa proposta, utilizaremos como variável dependente o voto nestes dois candidatos. Para isso, criamos duas variáveis *dummy*. Primeira: vota em Fernando Henrique Cardoso (1), não vota em Fernando Henrique (0); Segunda: vota em Lula (1), não vota em Lula (0).

Como nossas variáveis dependentes são dicotômicas, optamos por trabalhar com regressão logística¹³, uma vez que este tipo de análise nos permite verificar os coeficientes não padronizados de cada uma das variáveis independentes do modelo. Estes coeficientes serão especialmente úteis para avaliar o impacto de cada variável

¹³ As regressões logística e linear têm objetivos semelhantes: investigar a relação entre uma variável dependente e um ou mais preditores. A principal diferença entre elas é o tipo da variável dependente. A aplicação da regressão logística ocorre quando a variável dependente é categórica e a aplicação da regressão linear ocorre quando a variável dependente é contínua. Outra diferença é o critério de obtenção dos parâmetros. A regressão linear utiliza o critério de mínimos quadrados enquanto na regressão logística os parâmetros são calculados através da estimativa de máxima verossimelhança.

independente sobre nossa variável dependente em cada uma das seis rodadas do *survey* e, também, para comparar os efeitos de uma mesma variável entre os eleitores de Fernando Henrique e de Lula. Por outro lado, através do uso da estatística Z (coeficiente/desvio padrão), compararemos o efeito relativo de cada uma das variáveis independentes sobre o voto.

A especificação dos modelos é a seguinte:

$$\begin{aligned} \text{Logit (Voto FHC)}^{14} = & \alpha + \beta_1 (\text{prefere PMDB}) + \beta_2 (\text{prefere PSDB}) + \beta_3 (\text{prefere PT}) \\ & + \beta_4 (\text{prefere Outros partidos}) + \beta_5 (\text{avaliação de governo}) + \beta_6 \\ & (\text{avaliação prospectiva sociotrópica}) + \beta_7 (\text{avaliação prospectiva casa}) \\ & + \beta_8 (\text{avaliação retrospectiva sociotrópica}) + \beta_9 (\text{avaliação} \\ & \text{retrospectiva casa}). \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \text{Logit (Voto Lula)} = & \alpha + \beta_1 (\text{prefere PMDB}) + \beta_2 (\text{prefere PSDB}) + \beta_3 (\text{prefere PT}) + \\ & \beta_4 (\text{prefere Outros partidos}) + \beta_5 (\text{avaliação de governo}) + \beta_6 \\ & (\text{avaliação prospectiva sociotrópica}) + \beta_7 (\text{avaliação prospectiva casa}) \\ & + \beta_8 (\text{avaliação retrospectiva sociotrópica}) + \beta_9 (\text{avaliação} \\ & \text{retrospectiva casa}). \end{aligned}$$

Onde:

α : Constante

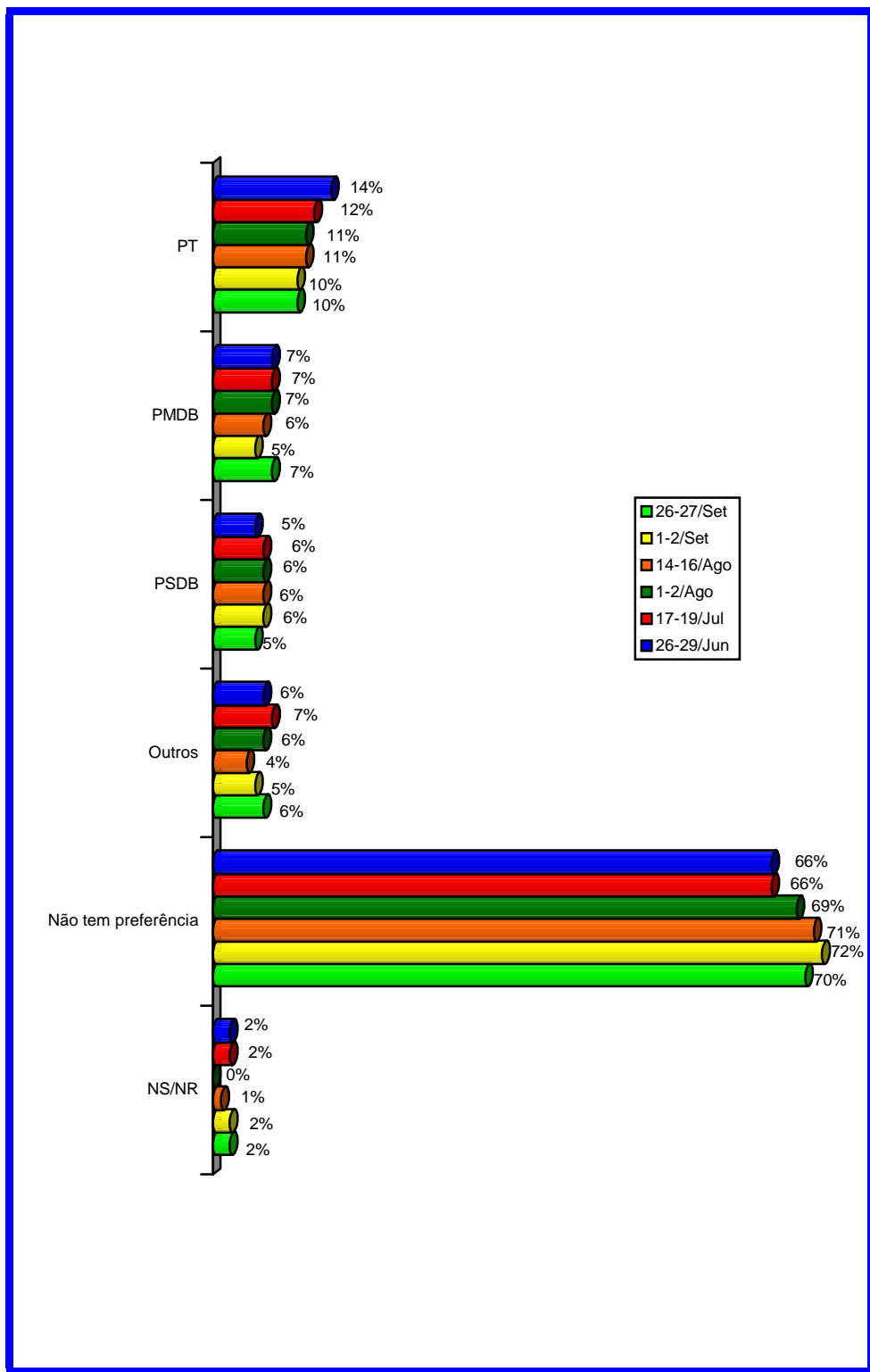
Preferência Partidária: As quatro primeiras variáveis dos modelos (prefere PMDB, prefere PSDB, prefere PT, prefere outros partidos) são variáveis *dummy* de preferência partidária obtidas através da pergunta: *Atualmente você tem preferência ou simpatia por algum partido político? (Se sim) Qual?*

Apesar de ser fraca a identificação partidária no Brasil (ver gráfico 20), acreditamos que ela exerce grande influência sobre o voto. Com esta hipótese,

¹⁴ Logit da variável dependente é o logaritmo natural da chance de *Y* ocorrer ou não.

contrariamos os achados de Meneguello que, ao analisar as eleições de 1994, observa o baixo desempenho eleitoral dos candidatos de grandes partidos tais como o PMDB e o PDT (o PMDB, por exemplo, detinha 15% da preferência dos eleitores e seu candidato, Orestes Quércia, obteve 4% dos votos). Por outro lado, Meneguello observou que o candidato vitorioso em 1994, Fernando Henrique, que era representante do PSDB, partido que obtinha no máximo 6% da preferência dos eleitores, teve um excelente desempenho nas urnas, recebendo 54,3% dos votos válidos. A partir destas observações, a autora afirmou que a preferência partidária não se traduziu em votos aos maiores partidos e, por conseguinte, que a identificação partidária tem pouca influência sobre o comportamento do eleitor.

Gráfico 20
Preferência partidária - 1998

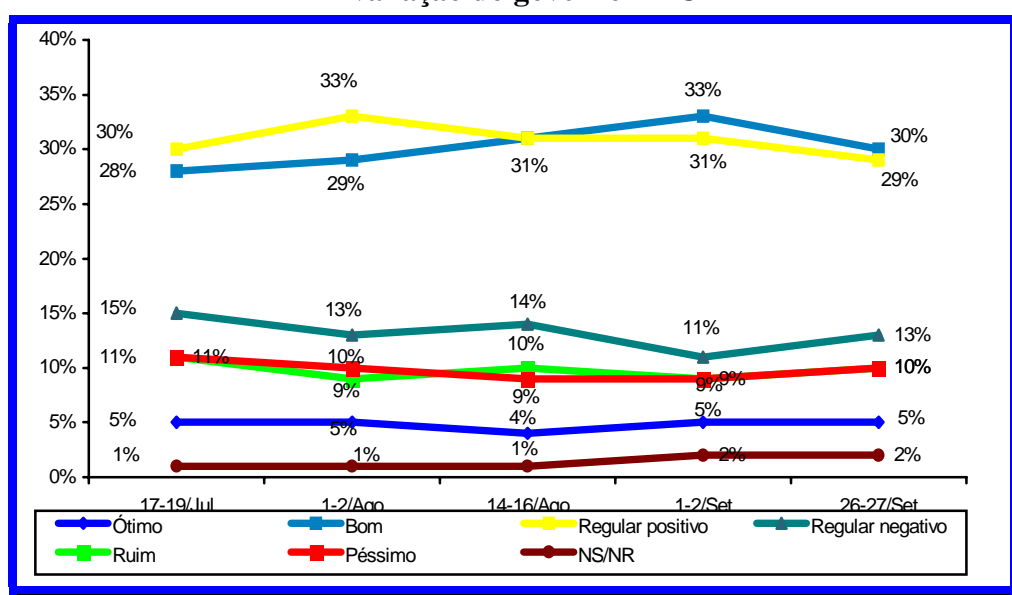


Avaliação de governo – Medida através da pergunta: Falando um pouquinho dos governos atuais agora. Na sua opinião, o presidente Fernando Henrique

Cardoso está fazendo um governo ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo? (Se Regular) Mais para positivo ou mais para negativo? Seu escore varia entre 1 e 6, sendo um péssimo e, seis, ótimo.

Ao longo do período analisado, a variável avaliação governo FHC foi constante, não apresentando alteração significativa em nenhuma das rodadas (gráfico 21)

Gráfico 21
Avaliação do governo FHC



Tal como destacado por Echegary, Fiorina, Kiewiet e Lanue, acreditamos que questões não econômicas exercem influência sobre o voto do eleitor. Neste sentido, pretendemos mostrar que a avaliação de desempenho do presidente, que é constituída não só por questões econômicas, mas também por outros temas, tais como manutenção da democracia, da paz e da ordem social, diminuição da delinqüência ou da corrupção, além da avaliações retrospectiva e prospectiva da economia, têm um papel importante na direção do apoio eleitoral.

Escalas de Avaliação prospectiva pessoal, prospectiva sociotrópica, retrospectiva pessoal e retrospectiva sociotrópica – Construimos as escalas através do uso da técnica desenvolvida por Likert (1931), somando os escores de itens que mediam o comportamento do eleitor em relação a um mesmo tema. Por exemplo, para obtermos uma escala de avaliação prospectiva pessoal somamos a resposta dos entrevistados em dois itens: 1) *Você acha que daqui para frente você vai poder comprar mais, vai ter que comprar menos, ou vai ficar na mesma?* 2) *E você acha que daqui a um ano vocês estarão numa situação financeira melhor, pior ou igual a de hoje?* Essa soma nos dá a posição do eleitor em relação à sua expectativa pessoal de futuro, se mais otimista ou se mais pessimista.

Porém, nem todos os itens da nossa avaliação têm o mesmo número de opções de resposta, alguns têm apenas duas, como, por exemplo: *Você diria que na sua casa vocês estão numa situação financeira melhor ou pior do que estavam há um ano atrás?*, outros têm seis, por exemplo: *E como você avalia a situação financeira na sua casa - ótima, boa, regular, ruim ou péssima? (Se regular) Mais para positivo ou mais para negativo?*), essa variação pode nos acarretar problemas, pois um item pode ter maior intensidade do que outro. Para minorar esta situação atribuímos para todos os escores de todos os itens valores entre 1 e -1, de modo que o eleitor mais pessimista em relação ao futuro vai obter uma pontuação correspondente ao inverso do número de perguntas que compõem a escala de avaliação prospectiva pessoal. E, por conseguinte, o eleitor mais otimista vai receber um escore que corresponde ao número de perguntas dessa escala. Assumimos que o escore geral, que resulta da soma das respostas aos vários itens, reflete melhor a variável estudada do que a utilização de uma pergunta específica.

Construímos, então, as seguintes escalas:

Escala	Perguntas
Avaliação retrospectiva pessoal	<p>Você diria que na sua casa vocês estão numa situação financeira melhor ou pior do que estavam há um ano atrás?</p> <p>E como você avalia a situação financeira na sua casa - ótima, boa, regular, ruim ou péssima? (Se regular) Mais para positivo ou mais para negativo?</p> <p>E você acha que o jeito que o governo está conduzindo a economia hoje em dia está melhorando, piorando, ou não está alterando a situação financeira da sua casa?</p> <p>Sobre coisas de valor que as pessoas comprem para suas casas - como móveis, geladeira, fogão, televisão e outras coisas do tipo. De uma forma geral, você acha que o momento atual é bom ou ruim para fazer este tipo de compra?</p>
Avaliação retrospectiva sociotrópica	<p>Vamos mudar de assunto e falar um pouco de Brasil agora. Como você avalia a situação econômica do país atualmente – ótima, boa, regular, ruim ou péssima? (Se regular) Mais para positivo ou mais para negativo?</p> <p>Na sua opinião, o jeito que o governo está conduzindo a economia hoje em dia está melhorando, piorando ou não está alterando a situação econômica do país?</p>
Avaliação prospectiva pessoal	<p>Você acha que daqui para frente você vai poder comprar mais, vai ter que comprar menos, ou vai ficar na mesma?</p> <p>E você acha que daqui a um ano vocês estarão numa situação financeira melhor, pior ou igual a de hoje?</p>
Avaliação prospectiva sociotrópica	<p>Se Fernando Henrique ganhar as próximas eleições para presidente, você acha que a estabilidade econômica está garantida ou não?</p> <p>E se Lula ganhar?</p> <p>Se Fernando Henrique ganhar as próximas eleições, você acha que a área social em geral – englobando a saúde, a educação e segurança por exemplo – vai melhorar, vai piorar ou vai continuar na mesma?</p> <p>E se Lula ganhar?</p> <p>E a inflação, você acha que vai aumentar, diminuir, ou ficar na mesma?</p> <p>E o número de trabalhadores desempregados, você acha que vai aumentar, diminuir, ou ficar na mesma?</p> <p>Do jeito que o governo está conduzindo a economia hoje em dia você acha que ela com certeza vai dar certo; Provavelmente vai dar certo; provavelmente vai dar errado ou com certeza vai dar errado?</p> <p>Você acha que financeiramente os próximos doze meses serão um período bom ou ruim para as empresas e Negócios no país como um todo?</p> <p>Ainda pensando no país como um todo, você acha que nos próximos cinco anos nós Teremos um período de crescimento contínuo, ou teremos fases de recessão e desemprego?</p>

Verificaremos o peso de cada uma dessas escalas no voto de Lula e Fernando Henrique. Veremos se há diferenças entre o comportamento prospectivo e

retrospectivo entre os eleitores dos dois candidatos e com relação ao tipo de avaliação se pessoal ou sociotrópica.

3.2 - Resultados

As tabelas 2 e 3 mostram o resultado da aplicação do nosso modelo de comportamento eleitoral para o voto em Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva.

A maioria dos coeficientes calculados é estatisticamente significativa ao nível de cinco por cento. Testes realizados posteriormente indicaram um grau forte de correlação entre as variáveis independentes, temendo a existência de forte colinearidade entre estas variáveis realizamos o teste de VIF (Fator de inflação da variância). Os resultados do teste mostraram a não existência de colinearidade entre as variáveis independentes, todos os fatores ficaram menores que cinco, número a partir do qual devemos nos preocupar com a colinearidade.

Analisaremos o impacto de cada variável quando analisado o voto em candidatos diferentes e, também, em perspectiva temporal, analisando a variação entre os meses de campanha.

Tabela 2 - Coeficientes da regressão logística em cada rodada do survey
Variável dependente: Vota Fernando Henrique Cardoso

		26-29/Jun	17-19/Jul	1-2/Ago	14-16/Ago	1-2/Set	26-27/Set
Preferência Partidária*							
PMDB	Sig	.037	.384	.742	0.685	.225	.155
	β	0.48	0.22	0.09	-0.12	-0.37	0.41
	Exp (β)	1.63	1.25	1.10	0.89	0.68	1.52
	Z	2.08	0.87	0.33	-0.41	-1.21	1.42
PSDB	Sig	.000	.034	.067	.087	.004	.007
	β	1.70	0.63	0.70	0.56	1.30	1.11
	Exp (β)	5.50	1.88	2.02	1.76	3.70	3.05
	Z	4.82	2.12	1.83	1.71	2.92	2.68
PT	Sig	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	β	-2.10	-2.93	-2.34	-1.98	-2.25	-1.70
	Exp (β)	0.12	0.05	0.10	0.14	0.10	0.18
	Z	-6.29	-6.03	-6.07	-4.56	-4.52	-4.52
Outros	Sig	.183	.529	.682	.463	.806	.894
	β	0.33	0.17	-0.11	0.27	-0.08	0.04
	Exp (β)	1.39	1.19	0.89	1.31	0.91	1.05
	Z	1.33	0.63	-0.41	0.73	-0.25	0.13
Avaliação de Governo**	Sig	-	.000	.000	.000	.000	.000
	β	-	1.97	2.49	2.22	2.56	1.65
	Exp (β)	-	7.20	12.14	9.21	12.95	5.21
	Z	-	8.43	9.41	8.39	7.97	6.31
Prospectiva Sociotrópica	Sig	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	β	0.25	0.23	0.25	0.28	0.28	0.31
	Exp (β)	1.29	1.27	1.30	1.32	1.33	1.38
	Z	7.99	8.68	8.43	8.82	8.62	9.85
Prospectiva Pessoal	Sig	.597	.380	.020	.089	.491	.777
	β	-0.03	0.06	-0.19	-0.14	0.06	0.02
	Exp (β)	0.96	1.07	0.82	0.87	1.06	1.02
	Z	-0.53	0.88	-2.32	-1.70	0.69	0.28
Retrospectiva Sociotrópica	Sig	.000	.263	.030	.000	.011	.000
	β	0.57	0.10	0.213	0.36	0.27	0.41
	Exp (β)	1.78	1.11	1.24	1.44	1.32	1.52
	Z	7.49	1.12	2.17	3.54	2.55	3.94
Retrospectiva Pessoal	Sig	.025	.343	.022	.105	.370	.357
	β	0.08	0.04	0.10	0.08	0.04	-0.04
	Exp (β)	1.09	1.04	1.11	1.09	1.05	0.95
	Z	2.24	0.95	2.29	1.62	0.90	-0.92
Constante	Sig	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	β	-0.33	-0.59	-0.44	-0.41	-0.66	-0.15

* A categoria omitida no modelo é sem preferência partidária.

** Informação não disponível no survey aplicado entre 26 e 29 de junho.

As variáveis referentes à preferência partidária do eleitor têm um impacto significativo sobre a escolha por Fernando Henrique Cardoso apenas entre aqueles eleitores que tem maior simpatia pelo PSDB e pelo PT, partidos de Fernando Henrique e Lula, respectivamente. Fazendo a análise longitudinal, não verificamos nenhum padrão de crescimento ou diminuição do impacto dessas duas variáveis no

voto de Fernando Henrique. Como seria de se esperar, o impacto entre aqueles que preferem o PSDB é inverso daqueles que preferem o PT. Enquanto a simpatia pelo PSDB, em média, triplica a chance de se votar em Fernando Henrique, a preferência pelo PT diminui 88% a chance de se votar neste candidato em relação aqueles que não possuem preferência partidária. A variável prefere PMDB foi significativa apenas na primeira rodada, e a variável prefere outros partidos não foi estatisticamente significativa.

A variável avaliação de governo revelou ter um impacto bastante significativo no voto em Fernando Henrique. O aumento em cada unidade na escala de avaliação de governo está associado a um aumento médio de 8,3 vezes na chance de voto neste candidato. Longitudinalmente, também, não encontramos nenhum padrão de variação deste impacto.

As avaliações sobre economia exercem um efeito relativamente pequeno sobre o voto em Fernando Henrique. A única variável que obteve efeito significativo em todas as rodadas foi a escala de avaliação prospectiva sociotrópica, na qual o incremento de um ponto na escala aumenta, em média, a chance de voto em FHC em 32%. A análise longitudinal revela que ocorreu um aumento do impacto da visão prospectiva sociotrópica do eleitor no voto em Fernando Henrique. Na primeira rodada, o impacto na chance de voto com a mudança de um ponto na escala era de 29% e na última de 38%. A variável escala de avaliação prospectiva pessoal obteve efeito significativo em apenas uma rodada.

No que se refere a avaliações retrospectivas, assim como ocorreu com a prospectiva, as avaliações sociotrópicas tiveram maior impacto do que as pessoais. A escala de avaliação retrospectiva sociotrópica obteve efeito significativo em cinco das seis rodadas analisadas. O incremento de uma unidade nesta escala gera um

aumento médio de 40% na chance de voto em Fernando Henrique. A escala de avaliação retrospectiva pessoal teve impacto significativo em apenas duas rodadas e a alteração nas chances de voto em FHC, com o incremento de uma unidade nesta escala, é bastante pequeno, cerca de 6%.

Analisando a contribuição relativa de cada variável, verificamos que a variável que tem maior impacto no voto em Fernando Henrique é avaliação prospectiva sociotrópica. Em segundo lugar vem a avaliação de governo, seguida pela preferência pelo PT. E, em quarto lugar, há uma alternância entre a avaliação retrospectiva sociotrópica e a preferência pelo PSDB.

Vejamos agora os resultados para o voto em Luís Inácio Lula da Silva (tabela 3).

Tabela 3 - Coeficientes da regressão logística em cada rodada do survey
Variável dependente: Vota Luís Inácio Lula da Silva

		26-29/Jun	17-19/Jul	1-2/Ago	14-16/Ago	1-2/Set	26-27/Set
Preferência Partidária*							
PMDB	Sig	.710	.278	.928	.456	.842	.222
	β	-0.09	-0.33	-0.02	0.24	0.06	-0.55
	Exp (β)	0.91	0.72	0.97	1.28	1.07	0.58
	Z	-0.37	-1.08	-0.09	0.75	0.20	-1.22
PSDB	Sig	.006	.078	.106	.063	.032	.068
	β	-1.63	-0.94	-0.86	-0.93	-2.46	-1.86
	Exp (β)	0.19	0.39	0.42	0.39	0.09	0.15
	Z	-2.73	-1.76	-1.61	-1.86	-2.28	-1.82
PT	Sig	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	β	2.76	2.86	3.21	3.32	2.83	2.93
	Exp (β)	15.82	17.51	24.96	27.85	17.08	18.79
	Z	13.08	11.45	11.46	11.35	9.86	10.70
Outros	Sig	.070	.003	.048	.529	.028	.039
	β	0.42	0.74	0.52	0.22	0.75	0.60
	Exp (β)	1.53	2.12	1.68	1.26	2.12	1.84
	Z	1.81	2.95	1.98	0.63	2.20	2.06
Avaliação de Governo**	Sig	-	.000	.000	.000	.000	.000
	β	-	-0.98	-1.05	-1.01	-1.18	-1.30
	Exp (β)	-	0.37	0.35	0.36	0.30	0.27
	Z	-	-5.53	-5.39	-4.80	-5.61	-6.57
Prospectiva Sociotrópica	Sig	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	β	-0.12	0.23	0.32	0.34	0.27	0.31
	Exp (β)	0.89	1.26	1.39	1.41	1.31	1.37
	Z	-3.85	7.32	9.43	8.78	7.16	8.02
Prospectiva Pessoal	Sig	.025	.003	.002	.421	.000	.000
	β	0.14	-0.23	-0.26	-0.07	-0.43	-0.33
	Exp (β)	1.16	0.79	0.76	0.93	0.65	0.72
	Z	2.25	-2.96	-3.08	-0.80	-4.98	-3.64
Retrospectiva Sociotrópica	Sig	.000	.000	.000	.000	.024	.000
	β	-0.33	-0.41	-1.50	-0.63	-0.25	-0.39
	Exp (β)	0.72	0.66	0.60	0.53	0.77	0.67
	Z	-4.38	-4.36	-4.74	-5.43	-2.26	-3.54
Retrospectiva Pessoal	Sig	.048	.105	.088	.000	.000	.000
	β	-0.07	-0.07	-0.08	-0.19	-0.20	-0.28
	Exp (β)	0.93	0.93	0.92	0.82	0.82	0.75
	Z	-1.98	-1.62	-1.71	-3.71	-3.91	-5.18
Constante	Sig	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	β	-1.44	-1.19	-1.26	-1.35	-1.10	-1.19

* A categoria omitida no modelo é sem preferência partidária.

** Informação não disponível no *survey* aplicado entre 26 e 29 de junho.

As variáveis referentes à preferência partidária têm impacto bastante significativo sobre o voto em Lula. O fato de o eleitor ter simpatia pelo PT cria um incremento médio de 20 vezes na chance de votar em Lula. Por sua vez gera, também, um acréscimo na chance de voto de Lula, o fato de o eleitor ter simpatia por outros partidos; em quatro rodadas este fator se mostrou significativo, com um

aumento médio na chance de voto de 1.76 vezes. A influência de outros partidos, além do PT, no voto em Lula, pode ser explicado pela formação da coligação encabeçada por Lula. Dentro desta coligação havia, além de pequenos partidos de esquerda, partidos tradicionais como o PDT. Eleitores que têm simpatia pelo PSDB têm a 3.7 vezes menos chance de votar em Lula do que eleitores sem preferência partidária. A variável prefere PMDB não foi significativa estatisticamente em nenhuma das rodadas.

A variável avaliação de governo obteve impacto significativo em todas as rodadas, sendo que esse efeito foi aumentando à medida em que as eleições se aproximavam. A alteração de uma unidade na escala de avaliação de governo em julho estava associado a uma diminuição de 63% na chance de voto em Lula e, no final de setembro, a diminuição na chance era de 73%.

Quanto às variáveis que medem a percepção do eleitor sobre a economia, os coeficientes mostram que as de avaliação retrospectiva sociotrópica e prospectiva sociotrópica tiveram impacto significativo em todas as rodadas. Vale destacar que estas duas variáveis têm impacto inverso no voto de Lula. Enquanto uma mudança na escala de avaliação retrospectiva sociotrópica diminui em média a chance de voto em Lula em 34%; a mudança de uma unidade na avaliação prospectiva está associada com um aumento médio de 27% na chance de se votar em Lula.

As outras duas variáveis – retrospectiva e prospectiva pessoal – tiveram impacto em pelo menos quatro das rodadas e este foi aumentando à medida em que se aproximava a data do pleito. O impacto da alteração de uma unidade na escala de avaliação prospectiva pessoal sobre a chance de voto em Lula passou de 16% positivo, na primeira rodada, para 28% negativo, na última. E o impacto da avaliação

retrospectiva pessoal na diminuição das chances do voto em Lula passou de 7% na primeira a 25% na última rodada.

Comparando o peso relativo de cada variável, verificamos que a que exerce maior impacto no voto em Lula é a preferência pelo PT; em segundo lugar é a avaliação prospectiva sociotrópica; seguido pela avaliação de governo; em quarto lugar vem a avaliação retrospectiva sociotrópica; por fim, vêm alternando na quinta posição as variáveis de avaliação prospectiva e retrospectiva pessoal. O impacto de o eleitor preferir outros partidos sobre o voto em Lula é o bastante similar ao fato de o eleitor preferir o PSDB.

Concluída a análise longitudinal dos coeficientes das tabelas 2 e 3 compararemos o padrão de voto em Lula e em Fernando Henrique. Como as tabelas indicam, existem diferenças significativas entre o padrão de voto em um e outro candidato, mas também foi possível detectar similaridades.

Entre todas as variáveis analisadas, apenas a avaliação de governo e a preferência partidária pelo PSDB tiveram maior associação com o voto a Fernando Henrique. Todas as demais estavam mais associadas ao voto a Lula.

No que se refere à variável avaliação de governo, vale destacar que ela exerce maior impacto no voto de Fernando Henrique do que no voto em Lula. Como era de se esperar, uma vez que esta variável pode ser vista como uma avaliação retrospectiva mais ampla, pois engloba, além de fatores econômicos, outros não econômicos. A associação entre a avaliação de governo e o voto nos dois candidatos assume relações inversas. Enquanto que para o voto em Fernando Henrique tem uma relação positiva; para o voto em Lula tem relação negativa.

Na variável identificação partidária deve ser destacada a importância da preferência pelo PT. Esta categoria revelou-se significativa em ambas as rodadas

para ambos os candidatos, em relação inversa. Ou seja, incrementa a chance de voto em Lula e diminui a chance de voto em Fernando Henrique. O mesmo não ocorre com os que têm simpatia pelo PSDB, pois a variável não foi significativa em todas as rodadas para o voto em nenhum dos dois candidatos. Ainda com relação à variável preferência partidária, Lula é o único que se beneficia com a preferência de eleitores que não são do seu partido.

Uma vez demonstrado que a variável preferência partidária está mais associada com o voto em Lula do que em Fernando Henrique, espera-se que a avaliação prospectiva, que depende da expectativa de atuação de um partido ou candidato, caso vença as eleições, seja maior entre os eleitores de Lula do que entre os eleitores de Fernando Henrique.

Fazendo a comparação entre as tabelas 2 e 3, verifica-se que isso só acontece entre aqueles eleitores preocupados com a sua própria situação. Em eleitores com preocupação nacional, ou seja, sociotrópicos, a avaliação prospectiva da economia tem o mesmo peso na escolha por um ou outro candidato.

Outro fator importante em relação à avaliação prospectiva sociotrópica é que a associação entre o voto de um ou outro candidato é positiva, indicando que os eleitores de ambos candidatos estavam otimistas com relação ao futuro do país quando fizeram suas escolhas. Isto sugere que a lógica de avaliação prospectiva não é a mesma da avaliação retrospectiva. Caso a lógica fosse a mesma, esperaríamos encontrar que os eleitores mais otimistas com relação ao futuro da economia do país tenderiam a votar no atual governante, fato que não se concretizou. Eleitores de ambos os candidatos acreditavam que, caso seu candidato ganhasse, os benefícios para o país seriam maiores.

Já com relação à avaliação retrospectiva, esperava-se que tivesse maior associação com o voto em Fernando Henrique, uma vez que este tipo de avaliação é baseada na atuação passada do candidato e Lula jamais ocupou cargos executivos, impossibilitando a avaliação retrospectiva de seu desempenho.

Os coeficientes mostram que ocorre justamente o contrário com a avaliação retrospectiva pessoal, na qual é maior a associação para o voto em Lula do que em Fernando Henrique. A avaliação retrospectiva sociotrópica tem, praticamente, a mesma associação com o voto em um ou outro candidato. Mesmo com a diferença na força do impacto, a direção é a mesma. Isto confirma a tese do voto retrospectivo, em que mesmo não tendo como o avaliar o candidato da oposição, os eleitores insatisfeitos com o desempenho do atual governante preferem a mudança. Quanto mais crítico for o eleitor em relação ao desempenho de Fernando Henrique, tanto a nível nacional quanto pessoal, maior é a chance de votar em Lula.

Vale destacar também que a influência das variáveis econômicas diferem significativamente entre os eleitores de um e outro candidato. Enquanto as avaliações sociotrópicas têm o mesmo peso para um ou para outro, as avaliações pessoais exercem mais influências sobre o voto em Lula. Esperávamos encontrar o contrário, ou seja, que os eleitores de Lula, tidos como mais conscientes, mais envolvidos com política, estariam preocupados com questões que vão além de seu interesse particular, ou seja, seriam mais sociotrópicos.

CONCLUSÃO

Neste estudo, avaliamos o grau de influência da percepção da economia pelo eleitor sobre seu voto. Testamos, também, o impacto da avaliação de desempenho do governante e a preferência partidária do eleitor sobre o voto. Utilizando dados coletados através de *surveys* nacionais entre junho e setembro de 1998, verificamos que todas as variáveis analisadas eram significativas na decisão do eleitor e que, além disso, o peso de cada uma das variáveis altera em função do candidato.

Nossos achados confirmam que a lógica da escolha do eleitor brasileiro não é irracional, aleatória ou fruto de retóricas de campanha. A forte associação das variáveis analisadas com o voto, evidencia que os eleitores brasileiros são capazes de distinguir, entre as ofertas apresentadas pelos partidos, aquela que melhor se adequa às suas expectativas e avaliações.

O fato das escalas de avaliação retrospectiva e prospectiva da economia terem relação inversa com o voto nos candidatos, também reforça a coerência entre a escolha do eleitor e as ofertas apresentadas pelos partidos. A única exceção encontrada foi com relação à escala de avaliação prospectiva sociotrópica, em que eleitores de ambos os candidatos estavam otimistas com relação ao futuro do país. As demais avaliações, prospectiva pessoal, retrospectiva pessoal e sociotrópica, confirmam análises anteriores afirmando que os que avaliam positivamente a atuação do atual governante ou os que acreditam que no futuro estarão melhor do que estão hoje tendem a votar no candidato da situação. Já os mais insatisfeitos com o desempenho do atual governo ou os mais pessimistas em relação ao seu futuro pessoal tendem a votar na oposição. Na mesma direção, aqueles que têm uma

avaliação positiva do governo Fernando Henrique tendem a votar na situação, e aqueles que fazem uma avaliação negativa do governo, em geral, votam na oposição.

Mostramos o pequeno efeito da campanha no reforço ou enfraquecimento da associação entre as variáveis analisadas e o voto. A análise temporal do impacto das variáveis não revelou diferenças significativas entre o mês de junho até às vésperas da eleição.

Contrariando estudos anteriores, demonstramos, também, que a preferência partidária, apesar de ser pequena no Brasil, é uma variável que não pode ser descartada quando analisamos o resultado de uma eleição. Mesmo sendo pequena, se comparada com todo o eleitorado, cerca de 30%, a associação entre esta preferência e o voto é muito grande entre os que declararam a preferência por algum partido. Independente do peso dessa variável na predição do resultado de uma eleição, o fato do eleitor ter simpatia por algum partido político aumenta muito a chance do eleitor votar neste partido (principalmente se este partido for o PT).

Verificamos que o impacto das variáveis econômicas, de avaliação de governo e de preferência partidária sobre o voto varia de candidato para candidato. As variáveis que exerceram maior impacto sobre o voto Fernando Henrique foram a avaliação prospectiva sociotrópica, seguida pela avaliação de governo e depois pela preferência pelo PT. Já para Lula, as variáveis que tiveram maior impacto foram a preferência pelo PT, a avaliação prospectiva sociotrópica e, depois, a avaliação de governo.

Mostramos que o peso relativo do voto prospectivo e retrospectivo é diferente do demonstrado por Lanue. Como ressaltado neste trabalho, Lanue, analisando duas eleições norte-americanas (1984 e 1988), concluiu que o peso relativo das avaliações retrospectivas eram maiores do que o peso relativo das variáveis prospectivas.

Concluiu também que não havia diferenças significativas no impacto relativo das avaliações pessoais ou sociotrópicas. Nossos dados demonstram que, no Brasil, em 1998, o peso das avaliações prospectivas foram maiores do que das retrospectivas, ou seja o eleitor brasileiro, na hora do voto, está mais preocupado com o futuro do que com o passado. Além disso, exerce um impacto maior no voto de ambos os candidatos as variáveis de avaliação que o eleitor faz da situação nacional e não as de avaliação da própria situação, sugerindo, com isso, que o eleitor brasileiro é menos preocupado com o próprio bolso do que o eleitor americano.

Em suma, verificamos que o impacto das variáveis econômicas e de avaliação de governo sobre o voto varia de candidato para candidato, varia de país para país – nossos achados não são os mesmos dos apontados pela literatura norte-americana – e, provavelmente, varia de eleição para eleição, fato que só poderemos saber com análises futuras.

ANEXO

Rodada 1

Binary Logistic Regression

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
fhc	1	558
	0	973
	Total	1531

1531 cases were used
923 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-0.33944	0.08340	-4.07	0.000			
pmdb	0.4894	0.2351	2.08	0.037	1.63	1.03	2.59
psdb	1.7045	0.3537	4.82	0.000	5.50	2.75	11.00
pt	-2.1012	0.3342	-6.29	0.000	0.12	0.06	0.24
outros	0.3302	0.2481	1.33	0.183	1.39	0.86	2.26
propaisf	0.25106	0.03142	7.99	0.000	1.29	1.21	1.37
procasa	-0.03748	0.07091	-0.53	0.597	0.96	0.84	1.11
retpais	0.57900	0.07732	7.49	0.000	1.78	1.53	2.08
retcasa	0.08781	0.03926	2.24	0.025	1.09	1.01	1.18

Log-Likelihood = -680.742

Test that all slopes are zero: G = 647.021, DF = 8, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1467.151	1315	0.002
Deviance	1245.293	1315	0.915
Hosmer-Lemeshow	12.641	8	0.125

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	466752	86.0%	Somers D 0.72
Discordant	75241	13.9%	Goodman-Kruskal Gamma 0.72
Ties	941	0.2%	Kendalls Tau-a 0.33
Total	542934	100.0%	

Rodada 2**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
fhc	1	661
	0	826
	Total	1487

1487 cases were used
1014 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-0.5945	0.1009	-5.89	0.000			
pmdb	0.2211	0.2541	0.87	0.384	1.25	0.76	2.05
psdb	0.6331	0.2988	2.12	0.034	1.88	1.05	3.38
pt	-2.9316	0.4865	-6.03	0.000	0.05	0.02	0.14
outrospa	0.1768	0.2806	0.63	0.529	1.19	0.69	2.07
aval gov	1.9736	0.2341	8.43	0.000	7.20	4.55	11.39
propaifh	0.23952	0.02760	8.68	0.000	1.27	1.20	1.34
procasa	0.06818	0.07760	0.88	0.380	1.07	0.92	1.25
retpais	0.10190	0.09100	1.12	0.263	1.11	0.93	1.32
retcasa	0.04022	0.04240	0.95	0.343	1.04	0.96	1.13

Log-Likelihood = -590.180

Test that all slopes are zero: G = 862.712, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	2854.157	1382	0.000
Deviance	1140.498	1382	1.000
Hosmer-Lemeshow	2.684	8	0.953

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	490568	89.8%	Somers D 0.80
Discordant	54696	10.0%	Goodman-Kruskal Gamma 0.80
Ties	722	0.1%	Kendalls Tau-a 0.39
Total	545986	100.0%	

Rodada 3**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
fhc	1	717
	0	749
	Total	1466

1466 cases were used
1033 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-0.4492	0.1081	-4.16	0.000			
pmdb	0.0935	0.2838	0.33	0.742	1.10	0.63	1.92
psdb	0.7020	0.3832	1.83	0.067	2.02	0.95	4.28
pt	-2.3435	0.3862	-6.07	0.000	0.10	0.05	0.20
outros	-0.1132	0.2763	-0.41	0.682	0.89	0.52	1.53
ava gove	2.4964	0.2653	9.41	0.000	12.14	7.22	20.42
propaisf	0.25950	0.03077	8.43	0.000	1.30	1.22	1.38
procasa	-0.19856	0.08542	-2.32	0.020	0.82	0.69	0.97
retpais	0.21393	0.09847	2.17	0.030	1.24	1.02	1.50
retcasa	0.10178	0.04440	2.29	0.022	1.11	1.01	1.21

Log-Likelihood = -536.060

Test that all slopes are zero: G = 959.490, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1104.302	1352	1.000
Deviance	1015.425	1352	1.000
Hosmer-Lemeshow	7.743	8	0.459

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures	
Concordant	490463	91.3%	Somers D	0.83
Discordant	46006	8.6%	Goodman-Kruskal Gamma	0.83
Ties	564	0.1%	Kendalls Tau-a	0.41
Total	537033	100.0%		

Rodada 4**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
fhc	1	729
	0	704
	Total	1433

1433 cases were used
1067 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-0.4197	0.1120	-3.75	0.000			
pmdb	-0.1221	0.3009	-0.41	0.685	0.89	0.49	1.60
psdb	0.5655	0.3307	1.71	0.087	1.76	0.92	3.37
pt	-1.9884	0.4364	-4.56	0.000	0.14	0.06	0.32
outros	0.2703	0.3682	0.73	0.463	1.31	0.64	2.70
ava gove	2.2203	0.2645	8.39	0.000	9.21	5.48	15.47
propaisf	0.28025	0.03176	8.82	0.000	1.32	1.24	1.41
procasa	-0.14298	0.08417	-1.70	0.089	0.87	0.73	1.02
retpais	0.3680	0.1040	3.54	0.000	1.44	1.18	1.77
retcasa	0.08199	0.05064	1.62	0.105	1.09	0.98	1.20

Log-Likelihood = -498.255

Test that all slopes are zero: G = 989.613, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1254.024	1280	0.693
Deviance	941.063	1280	1.000
Hosmer-Lemeshow	17.788	8	0.023

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures	
Concordant	472378	92.0%	Somers D	0.84
Discordant	40202	7.8%	Goodman-Kruskal Gamma	0.84
Ties	636	0.1%	Kendalls Tau-a	0.42
Total	513216	100.0%		

Rodada 5**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
fhc	1	673
	0	614
	Total	1287

1287 cases were used
1213 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-0.6629	0.1380	-4.80	0.000			
pmdb	-0.3796	0.3127	-1.21	0.225	0.68	0.37	1.26
psdb	1.3095	0.4485	2.92	0.004	3.70	1.54	8.92
pt	-2.2553	0.4987	-4.52	0.000	0.10	0.04	0.28
outros	-0.0889	0.3615	-0.25	0.806	0.91	0.45	1.86
ava gove	2.5609	0.3212	7.97	0.000	12.95	6.90	24.30
propaisf	0.28528	0.03311	8.62	0.000	1.33	1.25	1.42
procasa	0.06187	0.08977	0.69	0.491	1.06	0.89	1.27
retpais	0.2754	0.1078	2.55	0.011	1.32	1.07	1.63
retcasa	0.04967	0.05542	0.90	0.370	1.05	0.94	1.17

Log-Likelihood = -409.810

Test that all slopes are zero: G = 961.836, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1714.956	1098	0.000
Deviance	782.529	1098	1.000
Hosmer-Lemeshow	14.732	8	0.065

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	384230	93.0%	Somers D 0.86
Discordant	28485	6.9%	Goodman-Kruskal Gamma 0.86
Ties	507	0.1%	Kendalls Tau-a 0.43
Total	413222	100.0%	

Rodada 6**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
fhc	1	715
	0	746
	Total	1461

1461 cases were used
1039 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-0.1591	0.1122	-1.42	0.156			
pmdb	0.4193	0.2949	1.42	0.155	1.52	0.85	2.71
psdb	1.1168	0.4166	2.68	0.007	3.05	1.35	6.91
pt	-1.7056	0.3773	-4.52	0.000	0.18	0.09	0.38
outros	0.0441	0.3296	0.13	0.894	1.05	0.55	1.99
ava gove	1.6504	0.2617	6.31	0.000	5.21	3.12	8.70
propaisf	0.31945	0.03244	9.85	0.000	1.38	1.29	1.47
procasa	0.02445	0.08629	0.28	0.777	1.02	0.87	1.21
retpais	0.4164	0.1056	3.94	0.000	1.52	1.23	1.87
retcasa	-0.04668	0.05064	-0.92	0.357	0.95	0.86	1.05

Log-Likelihood = -485.274

Test that all slopes are zero: G = 1054.170, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	2084.656	1279	0.000
Deviance	952.187	1279	1.000
Hosmer-Lemeshow	43.223	8	0.000

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	495345	92.9%	Somers D 0.86
Discordant	37442	7.0%	Goodman-Kruskal Gamma 0.86
Ties	603	0.1%	Kendalls Tau-a 0.43
Total	533390	100.0%	

Rodada 1**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
lula	1	504
	0	1027
Total		1531

1531 cases were used
923 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-1.44027	0.09319	-15.46	0.000			
pmdb	-0.0933	0.2509	-0.37	0.710	0.91	0.56	1.49
psdb	-1.6359	0.5996	-2.73	0.006	0.19	0.06	0.63
pt	2.7613	0.2110	13.08	0.000	15.82	10.46	23.93
outros	0.4254	0.2345	1.81	0.070	1.53	0.97	2.42
propaisl	-0.12094	0.03140	-3.85	0.000	0.89	0.83	0.94
procasa	0.14733	0.06560	2.25	0.025	1.16	1.02	1.32
retpais	-0.33128	0.07560	-4.38	0.000	0.72	0.62	0.83
retcasa	-0.07524	0.03797	-1.98	0.048	0.93	0.86	1.00

Log-Likelihood = -746.466

Test that all slopes are zero: G = 447.177, DF = 8, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1353.090	1315	0.227
Deviance	1367.573	1315	0.153
Hosmer-Lemeshow	19.012	8	0.015

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	410455	79.3%	Somers D 0.59
Discordant	105647	20.4%	Goodman-Kruskal Gamma 0.59
Ties	1506	0.3%	Kendalls Tau-a 0.26
Total	517608	100.0%	

Rodada 2**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
lula	1	404
	0	953
	Total	1357

1357 cases were used
1144 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-1.19840	0.09717	-12.33	0.000			
pmdb	-0.3338	0.3080	-1.08	0.278	0.72	0.39	1.31
psdb	-0.9448	0.5363	-1.76	0.078	0.39	0.14	1.11
pt	2.8628	0.2500	11.45	0.000	17.51	10.73	28.58
outrospa	0.7495	0.2537	2.95	0.003	2.12	1.29	3.48
aval gov	-0.9876	0.1785	-5.53	0.000	0.37	0.26	0.53
propaisl	0.23495	0.03209	7.32	0.000	1.26	1.19	1.35
procasa	-0.23157	0.07811	-2.96	0.003	0.79	0.68	0.92
retpais	-0.41597	0.09535	-4.36	0.000	0.66	0.55	0.80
retcasa	-0.07234	0.04457	-1.62	0.105	0.93	0.85	1.02

Log-Likelihood = -556.759

Test that all slopes are zero: G = 539.080, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1332.491	1269	0.105
Deviance	1094.110	1269	1.000
Hosmer-Lemeshow	20.095	8	0.010

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures	
Concordant	330472	85.8%	Somers D	0.72
Discordant	53767	14.0%	Goodman-Kruskal Gamma	0.72
Ties	773	0.2%	Kendalls Tau-a	0.30
Total	385012	100.0%		

Rodada 3**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
lula	1	371
	0	989
Total		1360

1360 cases were used
1139 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-1.2639	0.1015	-12.45	0.000			
pmdb	-0.0285	0.3148	-0.09	0.928	0.97	0.52	1.80
psdb	-0.8649	0.5358	-1.61	0.106	0.42	0.15	1.20
pt	3.2171	0.2808	11.46	0.000	24.96	14.39	43.27
outros	0.5215	0.2635	1.98	0.048	1.68	1.00	2.82
ava gove	-1.0590	0.1965	-5.39	0.000	0.35	0.24	0.51
propaisl	0.32819	0.03481	9.43	0.000	1.39	1.30	1.49
procasa	-0.26789	0.08705	-3.08	0.002	0.76	0.64	0.91
retpais	-0.5033	0.1063	-4.74	0.000	0.60	0.49	0.74
retcasa	-0.08006	0.04694	-1.71	0.088	0.92	0.84	1.01

Log-Likelihood = -508.048

Test that all slopes are zero: G = 577.874, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1414.529	1244	0.001
Deviance	995.641	1244	1.000
Hosmer-Lemeshow	17.951	8	0.022

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	320132	87.2%	Somers D 0.75
Discordant	46055	12.6%	Goodman-Kruskal Gamma 0.75
Ties	732	0.2%	Kendalls Tau-a 0.30
Total	366919	100.0%	

Rodada 4**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
lula	1	331
	0	956
Total		1287

1287 cases were used
1213 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-1.3573	0.1124	-12.07	0.000			
pmdb	0.2487	0.3337	0.75	0.456	1.28	0.67	2.47
psdb	-0.9357	0.5032	-1.86	0.063	0.39	0.15	1.05
pt	3.3267	0.2931	11.35	0.000	27.85	15.68	49.46
outros	0.2278	0.3617	0.63	0.529	1.26	0.62	2.55
ava gove	-1.0197	0.2124	-4.80	0.000	0.36	0.24	0.55
propaisl	0.34188	0.03895	8.78	0.000	1.41	1.30	1.52
procasa	-0.07026	0.08732	-0.80	0.421	0.93	0.79	1.11
retpais	-0.6374	0.1173	-5.43	0.000	0.53	0.42	0.67
retcasa	-0.19703	0.05305	-3.71	0.000	0.82	0.74	0.91

Log-Likelihood = -437.201

Test that all slopes are zero: G = 593.021, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1114.803	1158	0.815
Deviance	857.260	1158	1.000
Hosmer-Lemeshow	11.609	8	0.169

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	283938	89.7%	Somers D 0.80
Discordant	31904	10.1%	Goodman-Kruskal Gamma 0.80
Ties	594	0.2%	Kendalls Tau-a 0.30
Total	316436	100.0%	

Rodada5**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
lula	1	322
	0	881
	Total	1203

1203 cases were used
1297 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-1.1083	0.1115	-9.94	0.000			
pmdb	0.0675	0.3379	0.20	0.842	1.07	0.55	2.07
psdb	-2.460	1.080	-2.28	0.023	0.09	0.01	0.71
pt	2.8377	0.2878	9.86	0.000	17.08	9.71	30.02
outros	0.7522	0.3416	2.20	0.028	2.12	1.09	4.14
ava gove	-1.1886	0.2120	-5.61	0.000	0.30	0.20	0.46
propaisl	0.27169	0.03794	7.16	0.000	1.31	1.22	1.41
procasa	-0.43715	0.08769	-4.98	0.000	0.65	0.54	0.77
retpais	-0.2589	0.1146	-2.26	0.024	0.77	0.62	0.97
retcasa	-0.20407	0.05220	-3.91	0.000	0.82	0.74	0.90

Log-Likelihood = -413.853

Test that all slopes are zero: G = 569.991, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1256.875	1041	0.000
Deviance	805.048	1041	1.000
Hosmer-Lemeshow	10.799	8	0.213

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	254500	89.7%	Somers D 0.80
Discordant	28733	10.1%	Goodman-Kruskal Gamma 0.80
Ties	449	0.2%	Kendalls Tau-a 0.31
Total	283682	100.0%	

Rodada 6**Binary Logistic Regression**

Link Function: Logit

Response Information

Variable	Value	Count
lula	1	369
	0	982
	Total	1351

1351 cases were used
1149 cases contained missing values

Logistic Regression Table

Predictor	Coef	StDev	Z	P	Odds Ratio	95% CI	
						Lower	Upper
Constant	-1.1939	0.1141	-10.46	0.000			
pmdb	-0.5531	0.4529	-1.22	0.222	0.58	0.24	1.40
psdb	-1.868	1.025	-1.82	0.068	0.15	0.02	1.15
pt	2.9331	0.2742	10.70	0.000	18.79	10.98	32.15
outros	0.6072	0.2946	2.06	0.039	1.84	1.03	3.27
ava gove	-1.3090	0.1993	-6.57	0.000	0.27	0.18	0.40
propaisl	0.31545	0.03934	8.02	0.000	1.37	1.27	1.48
procasa	-0.33075	0.09096	-3.64	0.000	0.72	0.60	0.86
retpais	-0.3936	0.1110	-3.54	0.000	0.67	0.54	0.84
retcasa	-0.28800	0.05563	-5.18	0.000	0.75	0.67	0.84

Log-Likelihood = -455.718

Test that all slopes are zero: G = 672.878, DF = 9, P-Value = 0.000

Goodness-of-Fit Tests

Method	Chi-Square	DF	P
Pearson	1427.138	1190	0.000
Deviance	889.796	1190	1.000
Hosmer-Lemeshow	17.773	8	0.023

Measures of Association:

(Between the Response Variable and Predicted Probabilities)

Pairs	Number	Percent	Summary Measures
Concordant	328616	90.7%	Somers D 0.82
Discordant	33187	9.2%	Goodman-Kruskal Gamma 0.82
Ties	555	0.2%	Kendalls Tau-a 0.32
Total	362358	100.0%	

BIBLIOGRAFIA

- BERELSON, Bernard R., LAZARFELD, Paul F. e MCPHEE, William N. (1954), *Voting: A Study of Opinion Formation in a Presidential Campaign*. The University of Chicago Press.
- CAMPBELL, Angus *et alii*. (1964), *The American Voter*. New York, John Wiley and Sons.
- CASTRO, Mônica, Mata Machado de (1994) *Determinantes do Comportamento Eleitoral: A Centralidade da Sofisticação Política*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Ciência Política, IUPERJ
- DOWNS, Anthony. (1957), *An Economic Theory of Democracy*. New York, Harper & Row Publishers.
- ECHEGARAY, Fabian. (1995), "Voto Econômico ou Referendum Político? Os Determinantes das Eleições Presidenciais na América Latina, 1982-94". *Revista Opinião Pública*. Vol. 3, n.º 2, CESOP/Unicamp. Ago.
- FIGUEIREDO, Marcus. (1991), *A Decisão do Voto: Democracia e Racionalidade*. Rio de Janeiro. Editora Sumaré.
- FILLER, John. *et alii*. (1993), "Redistribution, Income, and Voting". *American Journal of Political Science*. Vol. 37, nº 1. Feb.
- FIORINA, Morris (1981), *Retrospective Voting in American National Elections*. New Haven, Yale University Press.
- GUSEH, James S. (1996), "The Impact of Macroeconomic Conditions on Presidential Elections" *Political Research Quarterly*. Vol. 26, nº 2: 415-424.

HOLBROOK, Thomas e GARAND, James C. (1996), "Homo Eonomus? Economic Information and Economic Voting", *Political Research Quarterly*. Vol. 49. Jun: 351-375.

KEY Jr. V. O (1966), *The Responsible Electorate: Rationality in Presidential Voting (1936-1960)*. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press.

KIEWIET, Roderick D. (1983). *Macroeconomics & Micropolitics*. Chicago, The University of Chicago Press.

KRAMER, G. H. (1971), "Short-Term Fluctuations in U. S. Voting Behavior". *APSR*. Vol. LXV, n° 1. Mar: 131-143.

LANOUE, David, J. (1994), "Retrospective and Prospective Voting in Presidential Year Elections" *Political Research Quarterly*. Vol. 47. Mar: 193-205.

LIKERT, R. (1931) "A technique for the measurement of attitudes". *Archives of Psychology*. New York: Columbia University Press.

LIPSET, Seymour M e ROKKAN, Stein. (1967), *Party Systems and Voter Alignments*. New York, The Free Press.

LOCKERBIE, B. (1991), "Prospective Economic Voting in U.S. House Elections, 1956-88". *Legislative Studies Quarterly* 16. Vol. 16: 239-261.

MENDES, Antônio M. T. e VENTURI, Gustavo. (1994), "Eleição Presidencial: O Plano Real na Sucessão de Itamar Franco". *Revista Opinião Pública*, ano 2, vol. 2, n.º 2, CESOP/Unicamp. Dez.

MENEGUELLO, Raquel (1995), "Electoral Behavior in Brazil: The 1994 Presidential Elections". *International Social Science Journal*, n° 146, dez.

NEUMAN, W. Russel. (1986), *The Paradox of Mass Politics – Knowledge and Opinion in the American Electorate*. Cambridge e London, Harvard University Press.

PAGE, Benjamin I. (1978), *Choices and Echoes en Presidential Elections*. Chicago, The University of Chicago Press.

SCHUMPETER, Joseph A. (1961), *Capitalismo, Socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.

SILVEIRA, Flávio Eduardo. (1998), *A Decisão do Voto no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

SOARES, Gláucio A. D. (1961), “Classes Sociais, *Strata* Social e as Eleições Presidenciais de 1960”. *Sociologia*, vol. XXIII.